

**NO
CORRE**

**a cultura financeira
da quebrada**

Apoio:



Patrocínio:



Realização:



MINISTÉRIO DA
CULTURA



SUMÁRIO

PREFÁCIO 6

O corre do ontem que pavimenta o futuro

ECONOMIA DE QUEBRADA 12

Uma outra perspectiva do dinheiro

OS CORRES 20

Os corre das barbas, cabelos e aplicativos 24

PEGA A VISÃO 46

- Cuidar do dinheiro é também saber falar sobre ele
- Como começar a organizar as finanças
- Tenho uma dívida, e agora?
- Dívida caduca?
- Endividado versus inadimplente
- Tô endividado, pegar empréstimo resolve?
- Como funciona um financiamento veicular

Os corre dos livros, diplomas e carreiras 58

PEGA A VISÃO 80

- O quanto a gente tem e o quanto a gente existe?
- A grana tá curta nos estudos, e agora?
- Dicas importantes para acessar a universidade
- Como se organizar com o cartão de crédito
- O impacto dos jogos online

Os corre dos negócios, burocracias e casa própria 94

PEGA A VISÃO 116

- A importância de **sonhar**
- Como legalizar os negócios
- MEI versus Imposto de Renda Pessoa Física
- Por que contratar um contador?
- Acesso ao crédito para microempreendedores
- Bancos comunitários
- Como funciona um financiamento imobiliário
- Identifique golpes financeiros
- Como evitar golpes no aplicativo de mensagens

UM FAROL CHAMADO VELHA IA 132

QUEM INSPIRA 134

CRÉDITOS 144

AGRADECIMENTOS 146

PREFÁCIO



Por Ivan
Gomes Barbosa

FOTO: DIVULGAÇÃO

O corre do ontem que pavimenta o futuro

Q

ual é o corre de quem está nas favelas, quebradas e periferias deste nosso Brasil?

Dentre os muitos corres possíveis, queremos focar no corre da grana.

Sabe aquela dívida que suja seu nome logo aos 18 anos? Ou aquele golpe que você caiu depois de clicar naquele link?

Lembra daquele vizinho que ganhou muita grana, saiu do bairro e depois voltou com uma mão na frente e outra atrás?

E quem nunca se enrolou com dívidas longas e juros altos para comprar uma casa, um carro ou até mesmo financiar os estudos? Isso sem falar no tal do cartão de crédito. A fatura pesa todo mês, né?

Há quem esteja correndo pra pagar as contas e os que correm delas pra não ter que pagar. Há os que correm, correm e correm em círculos sem nem ao menos saber qual é o seu rumo de corrida. E o final é sempre a dívida!

Independentemente de qual seja o seu corre, seguramente você vai precisar de dinheiro. A forma como você vai lidar com ele vai moldar a sua vida. Se pá, a vida dos que vierem depois de você também, e, provavelmente, a vida financeira dos seus pais influencia a sua até hoje.

Por isso, falar de grana não é só importante, é essencial! Tem muita coisa rolando no mundo do dinheiro e, pra saber lidar com ele, a gente precisa se apropriar dessas ferramentas.

Parte dos objetivos desta publicação é dar mais passos em direção a essa democratização de acessos e conhecimentos.

“Preto e dinheiro não devem ser palavras rivais”. Então buscamos lembrar o caminho de como é que a gente faz!

O papo é projetar o futuro a partir do presente, mas a sacada é aprender com o passado. Não há a intenção de romantizar o veneno da sobrevivência, nem mesmo tratar exceções como regra quando o assunto é se virar.

Tristemente, nesse caso, preciso discordar de Paulinho da Viola: se as populações de pessoas negras, indígenas, periféricas e de corpos dissidentes ainda estão aqui, é por conta dessas tecnologias sociais e comunitárias.

Sim, o individualismo tem tomado conta das nossas comunidades, mas ainda estamos de pé por não “desconhecemos nossos irmãos e irmãs” no processo de sobrevivência. Não

podemos ignorar as tecnologias ancestrais de sobrevivência. Nossos mais velhos fizeram muito com quase nada.

É notável que condições geracionais distintas fazem, em diferentes níveis, alguns pontos serem mais difíceis para gerações passadas e outros mais fáceis. No entanto, há elementos da sabedoria dos mais velhos que parecem estar desaparecendo. Será que entraríamos em tanto enrosco se levássemos em consideração algumas premissas básicas?

Tipo, não podemos gastar um dinheiro que não temos. Ou, como o mestre Ataulfo Alves já falou:

“Laranja madura na beira da estrada, tá bichada, Zé, ou tem marimbondo no pé”.

Nós precisamos continuar a desenvolver tecnologias sociais para quebrar alguns ciclos e construir relações mais saudáveis com a grana.

É com a premissa da sabedoria dos mais velhos que construímos o projeto do livro *No Corre - A cultura financeira da quebrada*. O objetivo é reconectar reflexões ancestrais, sem tirar do horizonte, é claro, as particularidades e transformações tecnológicas do agora e do depois.

O futuro é ancestral. Mas precisamos escolher que futuro ancestral vamos querer para nossos filhos e netos.

Se as tecnologias, sistemas e estruturas permitiram um mundo capaz de produzir tudo o que precisamos para o pleno vi-

ver, o que se faz necessário ainda para que todos não precisem mais passar por tantos venenos econômicos?

A sua relação com a grana vai impactar positiva ou negativamente todos os aspectos da sua vida! Então, se liga nesse passeio que passa pelos venenos, delícias e loucuras de sermos quem somos: gente negra, de periferia e do corre!

Sabendo da importância do tema, vale queimar a largada dos agradecimentos antes do fim.

A todos, todas e todes que trabalharam neste projeto lindo e fizeram dele realidade, sabemos que estaremos mais perto de um mundo melhor depois dessa publicação, e somos gratos.

Um salve especial à Dona Cícera, que já foi descansar no Orun.

Ao nosso financiador, o Nubank, que, independentemente de educação financeira estar no cerne de seus negócios, optou por investir em um projeto de gente preta, favelada e com ideias próprias. O fez sem intervir, respeitando nosso processo de criação intelectual e artístico. Uma organização que também traz no centro do negócio a democratização de acessos.

Por fim, a Ih Fiz Arte! e o Instituto DiverCidades, duas faces da mesma moeda, esperam que você consiga sentar na roda do nosso quintal, uma casa acolhedora de vó, para sentir, refletir, sonhar e projetar futuros. Se achegue!

FOTO: DIVULGAÇÃO



IVAN GOMES BARBOSA
Diretor de Relações Institucionais
da Ih Fiz Arte! e presidente do
Instituto DiverCidades.



@ihfizarte

@institutodivercidades

<https://institutodivercidades.org.br/>

ECONOMIA DA QUEBRADA



Por
Dina Prates

FOTO: GUILHERME SOUZA / DIVULGAÇÃO

Uma outra perspectiva do dinheiro

E

u morava na periferia de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Do lado da minha casa, morava a Dona Ana. A casa dela era de madeira, e as paredes deixavam passar tudo – até os desabafos.

Dona Ana escutava a TV nas alturas e, certo dia, da porta de casa, reclamava comigo: “Dina, tu viu que o gás vai aumentar de novo? Já não basta o arroz, o pão... A aposentadoria mal dá pro básico com cinco crianças! Esse povo não explica nada direito!”

Ouvi muitas vezes minha mãe reclamar das reportagens do jornal na TV, que falavam de taxa de juros, enquanto ela esperava começar a novela. Só que nem ela nem eu entendíamos direito o que tinha o tal do “juros” com todo o resto. É como se falassem outra língua, um tal de “economiquês”.

Embora a maioria de nós não entenda muito disso, a realidade é que a economia está em todo lugar e faz parte de tudo na nossa vida.

Economia conecta nossos movimentos de consumo à geração de emprego e renda. E todas essas partes influenciam umas às outras.

O quanto eu ganho vai ditar as minhas escolhas no supermercado, até mesmo o meu acesso a ele. A forma como eu me planejo, ou tenho condições de trabalho na minha vida, vai influenciar a maneira como vou gerar renda. A minha renda vai ditar como e quando eu vou poder curtir aquele samba, um cinema ou mesmo viajar.

A economia e as finanças (como eu lido e organizo o dinheiro) estão presentes o tempo todo no dia a dia de quem vive no corre e faz milagre com a grana que tem pra sobreviver.

Por isso, é importante entender o funcionamento dessa roda que movimenta a sociedade. É importante conhecer nossa potência financeira, saber nossos direitos, entender nossas possibilidades e caminhos – e olhar a história por outra perspectiva.

ECONOMIA TAMBÉM É APRENDER COM OS MAIS VELHOS

Eu passei a olhar a economia com outra perspectiva com minha mãe, Dona Rosa. Ela sempre dizia que uma das melhores formas de usar nosso dinheiro era na educação. Ao colocar dinheiro nisso, ou seja, investindo, segundo ela, eu teria um retorno garantido, mesmo que fosse a longo prazo.

Ela também falava muito sobre a importância de ter “território próprio” como forma de garantir a segurança da família. Demorei para compreender o que ela queria dizer, mas um dia me dei conta de que ela alimentava o sonho de que eu tivesse uma casa própria.

São aprendizados dos nossos mais velhos que, muitas vezes, nos mostram quais são as estratégias possíveis para sobreviver. Dona Rosa queria me ensinar a pensar no longo prazo e sobre as oportunidades que eu poderia acessar por meio do conhecimento.

Ela queria que eu pensasse mais sobre o amanhã. Mas, já percebeu como às vezes parece difícil imaginar-se daqui a 5 ou 10 anos? Chega a dar palpitação equilibrar as preocupações de hoje com o pensamento: “O que será que vem depois?”

O ontem também tem muito a ver com essa história. A forma como nossa sociedade foi estruturada – com mão de obra de pessoas africanas escravizadas – impacta, até hoje, a nossa própria relação com o dinheiro.

Um grande intelectual negro, Abdias do Nascimento, dizia que precisamos rever as bases do sistema econômico que beneficiou os mesmos de sempre – os mais ricos.

Ou seja, precisamos pensar no ontem para criar estratégias para construir nossa autonomia econômica do amanhã. Afinal, como dizia Bezerra da Silva na canção “Com Dinheiro, Tudo Bem”, composta por Carlinhos Boemia e Matias de Freitas:

***“O dinheiro, nesta vida,
é peça fundamental.”***

PENSAR SOBRE DINHEIRO NÃO É SÓ FAZER PLANILHA

Organizar o dinheiro é só uma parte da equação. A autonomia econômica também passa pela consciência, pela formação de redes e pela troca de conhecimentos. Economia também é sobre como a gente compartilha, cuida e divide a grana.

É sobre viver em comunidade e partilhar o esforço coletivo para manter a geladeira cheia, a escola funcionando, o remédio garantido.

Culturalmente, nossa organização ainda se baseia em um grande quintal onde cada um traz um pouco do que tem pra dividir.

Gosto muito de uma frase de Nêgo Bispo, grande intelectual e quilombola:

“Um rio não deixa de ser um rio quando ele conflui com outro rio. Ele continua em sua essência. Essa é a grandeza da confluência.”

A ideia da confluência de Nêgo Bispo nos convida a pensar na essência do compartilhamento comunitário. Respeitar nossos saberes, conhecimentos e ancestralidades. São elas que nos apontam os caminhos para a liberdade, pois foi isso que nos trouxe até aqui e sustentou nossa auto-organização até os dias de hoje.

Dona Ana me ensinou desde cedo que o conhecimento pode mudar a trajetória dos nossos territórios. Mas essa mudança só foi possível porque foi construída coletivamente, com sonhos impulsionados por outras pessoas ao meu redor.

É assim que mudamos a cara da economia voltada para o “econômiquês”: reforçando que nossa via é uma economia cada vez mais comunitária. Uma “economia de quebrada”, com orgulho, luta, afeto, e compartilhamento de saberes e redes.

QUANTO CUSTA SONHAR?

Afinal, quem lucra com a falta de informação sobre grana na quebrada? Quem ganha quando a gente não sabe se organizar?

Falar de economia e finanças é também falar de justiça social. É discutir moradia digna, segurança alimentar, transporte decente e educação de qualidade. Tudo isso passa pelo dinheiro e pelo jeito como ele circula (ou não) em nossos territórios.

Você sabia que grande parte da população brasileira está endividada? Parte dessas dívidas é justamente fruto da falta de informação e do acesso ao conhecimento financeiro.

Quando a informação não chega, a armadilha é certa. A dívida cresce, o desespero aumenta e o sistema agradece. Por isso, a educação financeira é também um instrumento de emancipação.

Ao buscar conhecimento, muitas vezes nos deparamos com referências que parecem distantes da nossa realidade. Mas há muitos profissionais criando conteúdos criativos a partir do cotidiano.

Quando conheci Mônica Costa, educadora financeira e fundadora da Negrana Finanças, ela me alertou sobre como falamos de dinheiro a partir do lugar da escassez e da miséria. Isso nos distancia da possibilidade de nos reconectarmos com a prosperidade e com uma relação saudável com o dinheiro.

A ideia de Mônica só reforça o que defendo para nossas vidas: o conhecimento como porta para mudar nossa história e a construção de uma perspectiva de educação financeira comunitária,

que relacione nossa vivência, nossos saberes e técnicas de gestão financeira, para garantir um futuro mais próspero.

Quando entrei na universidade pública por meio de um programa de ações afirmativas, lembro o efeito que isso teve na trajetória da minha família. Muitos acessos e mudanças vieram a partir dessa graduação, que me permitiu almejar novos caminhos e compartilhar conhecimento com outras pessoas, planejando o futuro, exatamente como Nêgo Bispo nos ensinou.

Tem um trecho da música “Milionário do Sonho”, do Emicida, que me marcou muito:

“Mas fique esperto porque sonho é planejamento, investimento, meta, tem que ter pensamento, estratégia, tática. Eu digo que sou sonhador, mas sonhador na prática!”

Cotidianamente, somos engolidos pelas urgências geradas pela sociedade. Isso nos leva por caminhos de consumo e endividamento que, muitas vezes, nem fazem sentido para as nossas vidas.

Nossos sonhos e planos ficam em segundo lugar. Isso, quando a gente acredita que pode sonhar, porque, na correria do dia a dia, parece que sonhar é proibido. Será?

O futuro só será possível a partir do fortalecimento coletivo do nosso conhecimento. Como diria Conceição Evaristo: “Sonhe olhando para o futuro, mas pense que o futuro é agora.”

Fica a pergunta: qual é o seu maior sonho?

Talvez o seu sonho de hoje seja a transformação coletiva de amanhã!



FOTO: GUILHERME SOUZA / DIVULGAÇÃO



DINA PRATES
é especializada em finanças pessoais e para empreendedoras, além de criadora do curso UJAMAA e co-fundadora do Instituto Estrela Preta.

 @dinapratesfinancas
@ujamaatech



OS CORRES

Abrindo caminhos

Todo mundo corre nessa vida pra garantir aquela bufunfa. Só que pra quem ganha uma merreca, dinheiro some igual passarinho, né não? Quando vê, já bateu asas.

Muitas vezes, o jeito é passar o mês liso, fazendo milagre com cada troco que se tem. É matar um leão por dia fazendo das tripas coração!

Tem que se virar nos trinta pra dar conta de trabalho, finanças, contas pra pagar, família... ter a grana pro lazer, negócios, estudos, saúde, moradia, enfim... sobreviver!

Como mudar a roda da grana? Hoje em dia, basta fazer algumas perguntas na internet e muita coisa aparece. Mas perguntar é plantar, e a resposta é colheita. Então, será que a gente tá fazendo as perguntas certas pra cuidar dos trocados que tem?

Além disso, o que será que não se pode aprender nessa terra sem cerca que é a internet? Como a gente aprende sobre onde se quer chegar na vida ou até que ponto a gente pode sonhar na vida fora das telas?

Outra coisa que me dá nos nervos é quando penso no pouco que dá pra fazer no fim do mês, quando o que pinga não é o suficiente pras contas. A culpa é de quem, hein? Existe mesmo culpado? A culpa seria individual ou coletiva? E onde entra o governo nisso tudo?

Tem coisa que não tem jeito, não está nos livros e nem na internet. Está em casa, na família, com os mais velhos, com as pessoas que amamos e confiamos. Está em aprender a ser plural, a viver em coletividade. Dinheiro nunca é só sobre um, mas sobre muitos. Uma andorinha só não faz verão, né não?

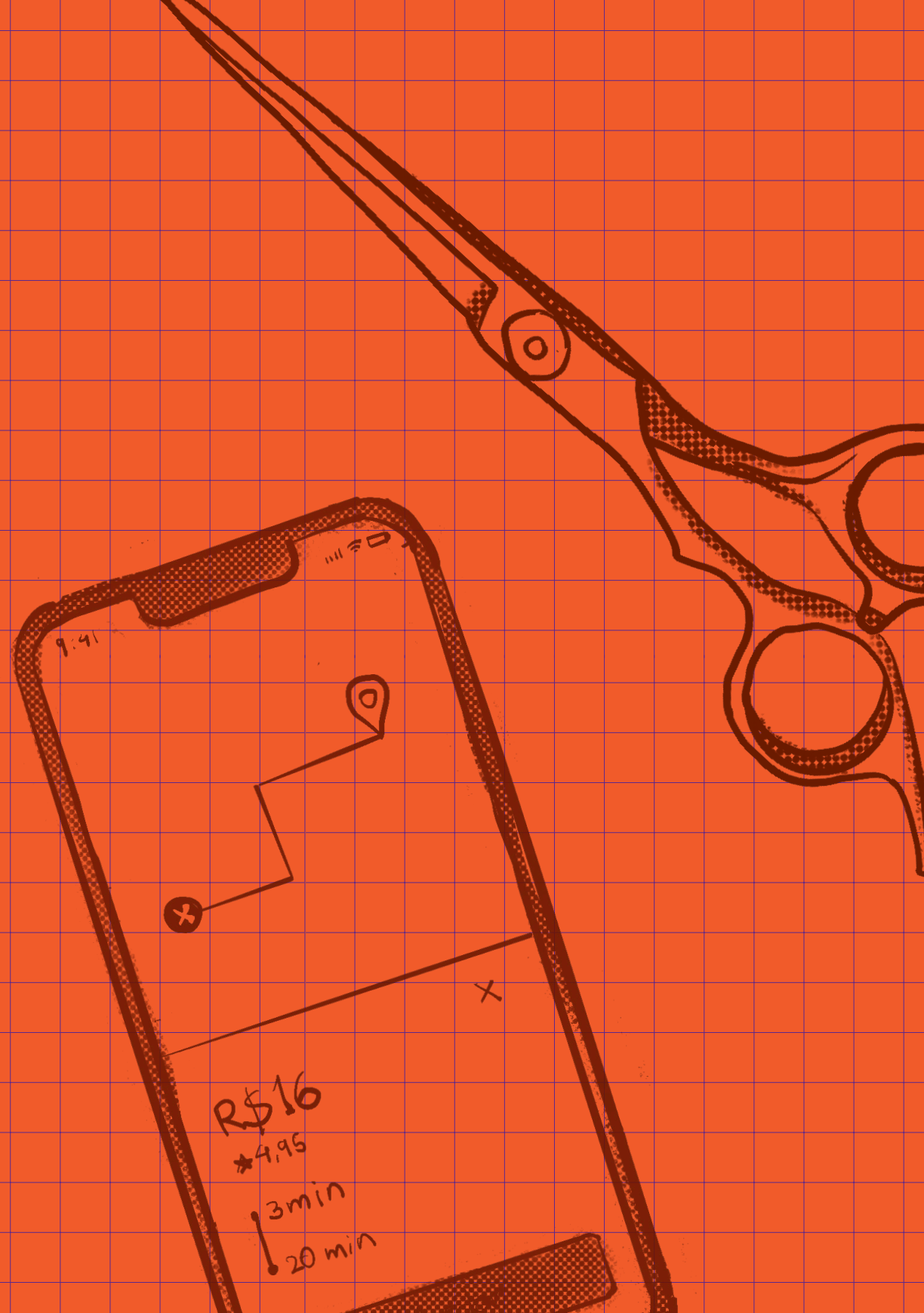
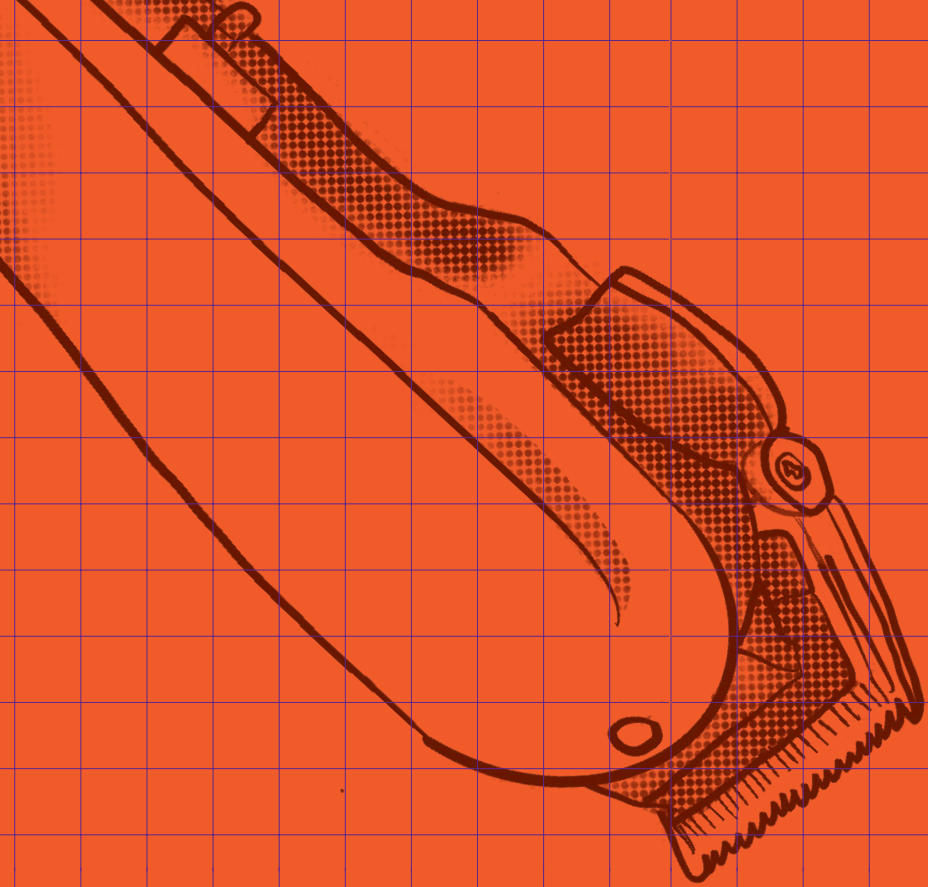
Eu tenho a difícil função de trazer essas reflexões para que você possa pensar – ou repensar – sobre como você e seu din din se relacionam.

Não tem forma melhor de fazer isso do que por meio de histórias. Nas próximas páginas, vou te apresentar o Dacinho, a Fernanda e o Toninho. Suas histórias vão de encontro a de muitos brasileiros e brasileiras que estão na lida todo dia pra garantir os pingados de todo mês.

Vamos nessa!



**NO CORRE
DAS BARBAS,
CABELOS &
APLICATIVOS**



Parece piada, mas é real. Sempre conto essa história quando alguém pergunta: “De onde vem seu nome?”. Enquanto minha mãe se recuperava de ter me colocado no mundo, meu pai foi me registrar. Quando voltou, olhou pra ela e soltou: “Audaciano Manuel Silva”.

Minha mãe quis matar ele na hora. Ele disse que se inspirou numa música que curti: “Manoel, o Audaz.” Dá pra acreditar?

Minha mãe me arrumou um apelido rapidinho: **Dacinho**. Só que até hoje ela culpa meu pai, e jura que é por causa do nome que eu aprontava tanto quando era criança.

Quando tinha sete anos, eu pulei a janela de casa. Brincadeira só, tá ligado? Vi um filme na TV, nem lembro qual era, e achei que dava pra pular e cair em pé. Até parece! Caí bem na frente da janela da minha avó Lenice e quebrei a perna. Ela estava lavando louça e quase matei a véia do coração.

O único que tinha carro na família era o tio Alberto, mas ele estava quebrado, então um vizinho teve que me levar pro hospital.



Eu gritei o tempo inteiro de dor, e lá a gente tomou o maior chá de cadeira porque estava lotado. Imagina a cena. Um caos! Mas fui atendido e saí de lá bem pra me recuperar em casa.

Aqui no quintal todo mundo lembra dessa história e sempre me zoa. Moramos em umas quatro famílias. Tem a minha casa, com sala, quarto, banheiro e cozinha. Pequena mesmo. Mas como é só pra mim e pros meus pivetes no final de semana, fica suave. Também mal passo tempo nela. Quando não tô na rua trabalhando, tô no quintal com o pessoal ou na quebrada com os amigos.

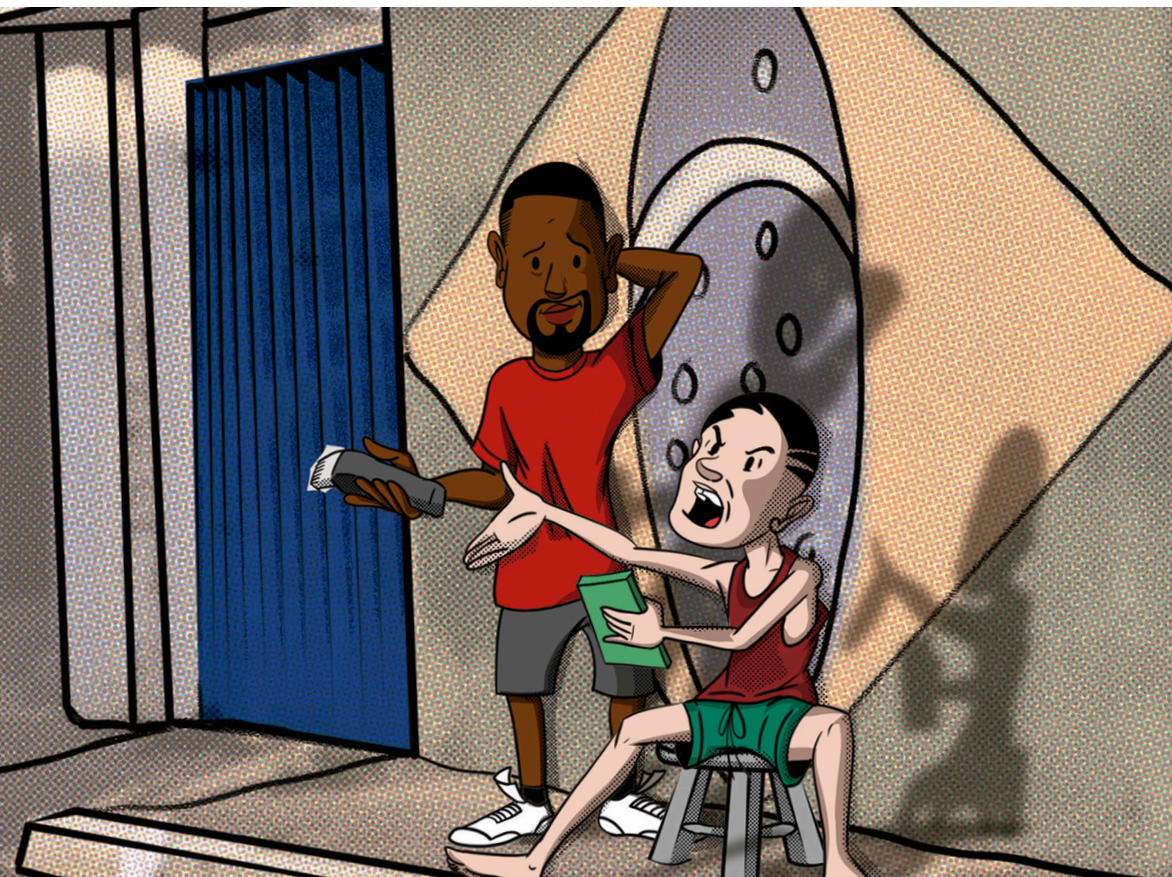
Descendo uma escada tem a casa da minha vó e do meu vô, João; e a da minha madrinha Elenice, meu padrinho Zé, e a Paulinha, minha prima. Ao fundo moram meus tios Kátia e Alberto, pais do meu primo Carlinhos, que já se mandou daqui faz um tempinho.



Meus pais também não estão mais aqui. Não é como se eles tivessem morrido, não – só não quiseram o filho deles e me deixaram com a minha avó. Foram morar num bairro longe. Isso aí já foi muita treta na família, mas aos poucos a gente foi retomando o contato. Hoje em dia, eles vêm pra uns churrascos de domingo – não que as tretas tenham acabado, né?

Assim que eles se mudaram, eu fui morar com meus avós. Quando comecei a trabalhar, com uns 15 anos, minha vó viu que eu conseguiria segurar umas pontas em casa e me deixou ficar aqui onde morava com meus pais. Mas a véia sempre tá por perto, vira e mexe cozinha e traz coisas pra mim.

Na escola eu deixei de ser o menino zuado pelo nome e passei a ser o maioral. Todos os meus amigos tinham inveja e queriam passar o dia aqui em casa depois da aula.



Só que em casa só tinha uma TV velha, um sofá onde eu dormia, uma pia e um fogão velho na cozinha. No quarto tinha um guarda-roupa, uma mesa e cadeira que, em teoria, era para eu usar para estudar.

Nessa época eu comecei a tirar uns trocados cortando o cabelo dos moleques do bairro aqui no quintal mesmo. Os primeiros cortes ficaram muito ruins, tenho que admitir. Mas fui pegando o jeito e decidi fazer um curso de barbeiro num projeto social aqui perto de casa.

Não conseguia tirar muita grana, pelo menos não o tanto que eu queria. Variava demais porque dependia não só da quantidade de cliente, mas também de quantos cortes eu acertava. Sei lá, às vezes conseguia tirar uns 100 conto no mês. Não dava pra chamar de salário, mas era um trocado.

As primeiras granas que entraram, nem lembro direito como gastei porque ia ganhando a cada corte e já ia gastando. Comprava uns doces na escola, umas pipas monstras e ia comer uns lanches no shopping. Lembro quando fui lá pela primeira vez. Foi incrível! A parte ruim é que, sempre que ia, gastava tudo!

Agora há pouco vi na TV a moça do jornal falando como os jovens não cuidam da grana e não sabem nada de “educação financeira”. Uns moleques contaram pra jornalista como conseguiram comprar celular, viajar ou pagar um curso só organizando melhor a grana.

Depois uma mulher apareceu falando que era importante mesmo saber organizar, mas que tudo dependia também da quantidade do que se ganhava.

Sei lá, fiquei pensando que, às vezes, não é só sobre quanto de grana entra, mas como a gente usa, né. E sei que só dá pra organizar a grana, se tem alguma pra gastar.

Na época que cortava cabelo aqui no quintal eu ficava naquela ansiedade de conseguir mais e mais clientes. Usei muita gente como cobaia. Era bola de futebol torta, risquinho que parecia mais um raio, disfarce que deixava o cara parecendo o Zeca Urubu do Pica-Pau. No começo, levava mais esporro do que recebia grana.

Eu sentia muita falta das coisas, queria um tênis mais caro, uns panos melhores, queria chegar no baile e nas meninas vestindo umas roupas maneiras. Dava muita raiva não conseguir isso. E daí eu fui trabalhando mais e mais. Pra falar a verdade, nem foi porque eu curtia cortar cabelo mesmo.

Fiz o curso de barbeiro durante o ensino médio e depois que terminei foquei meu tempo 100% nisso. Eu via muito vídeo na internet e fui aprendendo umas paradas legais.

Passei a ganhar quase 10 vezes mais do que ganhava no início. Eu tava feliz, era bom no meu trampo. Tava tudo de boa, tava trampando e ganhando meu dinheiro.

Hoje arrumei um espaço mais bacana pra cortar cabelo e também tiro um dinheiro rodando de carro com aplicativo, né! Foi o jeito que deu pra fazer mais dinheiro quando a Jeniffer, minha ex-namorada, engravidou.

SE PÁ EMPRESÁRIO, SE PÁ OUTRA COISA

Quando faço corridas com o carro de manhã sempre meto uma calça jeans, um tênis e uma camisa polo mais básica. Nada de corrente, boné ou anel. Tem que ficar mais neutro porque tem gente que acha que a gente não é trabalhador só pelos panos que a gente usa. E ainda dão nota baixa no app! Mas eu sempre levo no carro uma sacola com o chinelo, uma bermuda e minhas correntes.

À tarde, geralmente eu tô no corre da barbearia. Daí dá pra mudar de roupa, lá não tem essas frescuras, não. É suave.

De manhã quando o aplicativo toca, às vezes eu configuro para ele não me levar para muito longe do bairro. Então, as corridas que pintam são umas de 15 reais, às vezes, estourando, uns 30 conto. Mas tá tudo bem, melhor que nada.

Outro dia, peguei uma passageira que queria que eu deixasse ela na estação de trem. Sei que nem todo passageiro gosta, mas eu curto conversar, o tempo passa mais rápido e é cada história que a gente escuta que parece mentira. Me divirto.

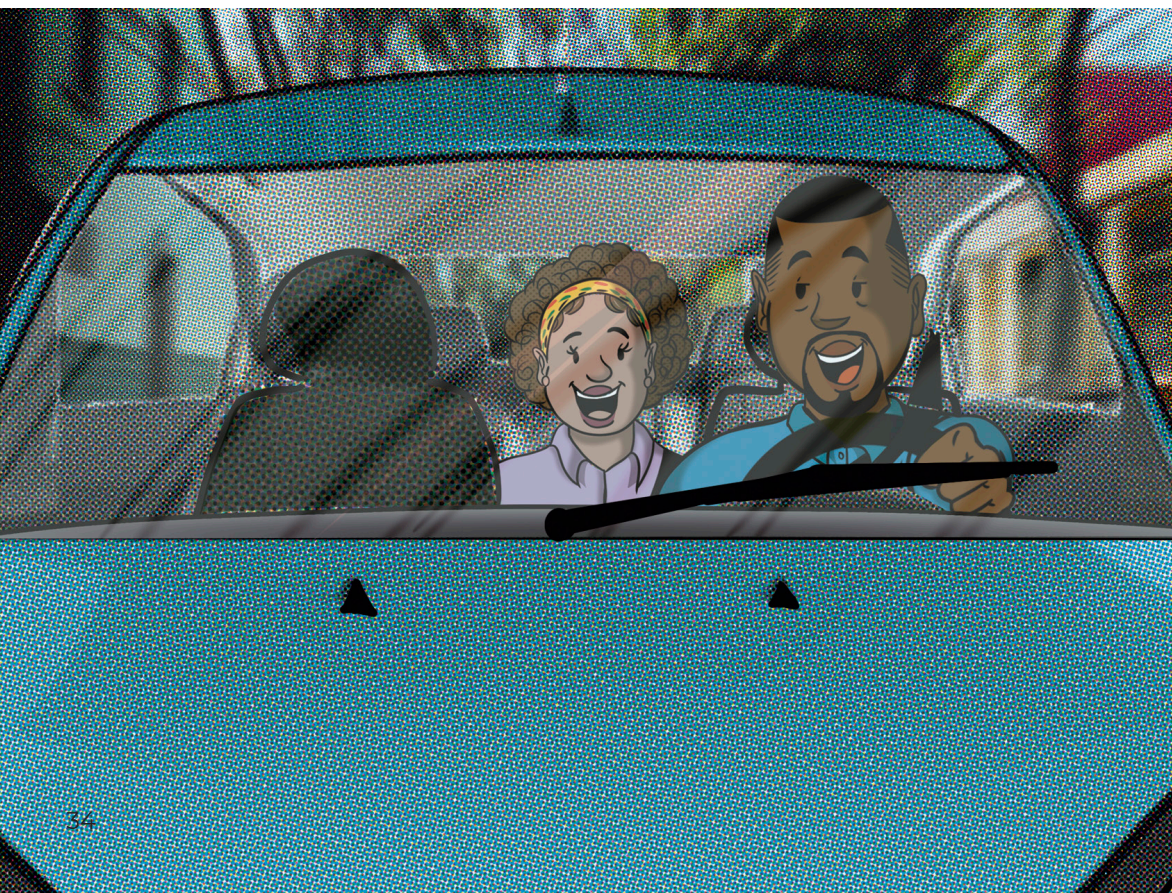
Trocando ideia, ela me contou que estava atrasada porque tinha que chegar logo no centro, pro estágio, e que à noite ainda ia pra faculdade.



Ela me contando e eu logo soltei: “É muita vontade de estudar, hein?” Daí ela me deu a letra: “A gente tem que fazer o que é preciso pra melhorar de vida, né?”

Ela lembra o meu primo Carlinhos. A gente tem quase a mesma idade e brincava junto no quintal da vó Lenice. Só que hoje tomamos rumos bem diferentes. Assim que terminou a escola, ele fez uma prova e entrou numa faculdade com bolsa. Teve até churrasco para comemorar.

Hoje, apesar de já ter terminado os estudos, ele continua passando um tempão no transporte público até o trabalho. Não acho que isso seja vida para mim. Perder um tempo desse no transporte não dá, não. E assim... eu não sei quanto o Carlinhos ganha, mas acho que a gente tira a mesma coisa. Se pá, eu ganho até mais do que ele.



Alguns passageiros trocam ideia comigo e perguntam sobre como é tramar no app. Tem gente que diz que trabalhar com aplicativo é a maior moleza e dá uma grana muito boa, e gente que acha que é o pior trabalho do mundo.

Acho que os dois pensamentos estão errados, sabe. Trabalhar o dia inteiro só rodando pra cima e pra baixo com passageiros é muito veneno. Você não come direito, não tem tempo pra descansar direito. Mas ainda acho que consigo me organizar melhor nos horários, e ficar perto de casa faz muito sentido pra mim.

Então também não acredito nessa coisa de que trabalho por aplicativo tem que acabar. Se for assim, nem tenho como tramar. No meu caso, que tenho outro trabalho, serve bastante para complementar a renda. Melhor ficar rodando pelo bairro e ainda fazendo dinheiro.

Pensei até em puxar esse assunto com a moça. Gosto de trazer essas ideias sempre que dá porque, sei lá, acho importante as pessoas ouvirem quem trabalha como autônomo também, antes de olharem pra gente como coitado ou achar que a gente é empresário. Mas nem deu tempo, logo chegamos na estação.

Naquele dia, depois das corridas, busquei meus pivete, o Renan e a Alice, na escola. Esse tempinho com eles é curto, mas já vale a pena só de ver o sorriso deles quando me veem. Deixei eles na casa da Jeniffer e parti pra barbearia. Eu comecei a tramar lá depois que um parceiro me falou que estavam procurando alguém tipo eu, que fazia uns desenhos monstros.

Lá faço meus horários, tenho meus clientes, posso continuar postando meus cortes no meu próprio Instagram, mas tenho que pagar 10% do que eu faço no mês pro Biel, que aluga o espaço. Ele é parceiro, mas, vira e mexe, eu penso em abrir a minha própria barbearia. Só que tô ligado que é complicado.

Quando eu cortava cabelo lá no quintal, tinha mês que o dinheiro pingava, tinha mês que era só veneno. Como a barbearia é um espaço bacana, os moleques vão lá, às vezes, só pra trocar ideia da vida também, então costuma ter mais demanda.

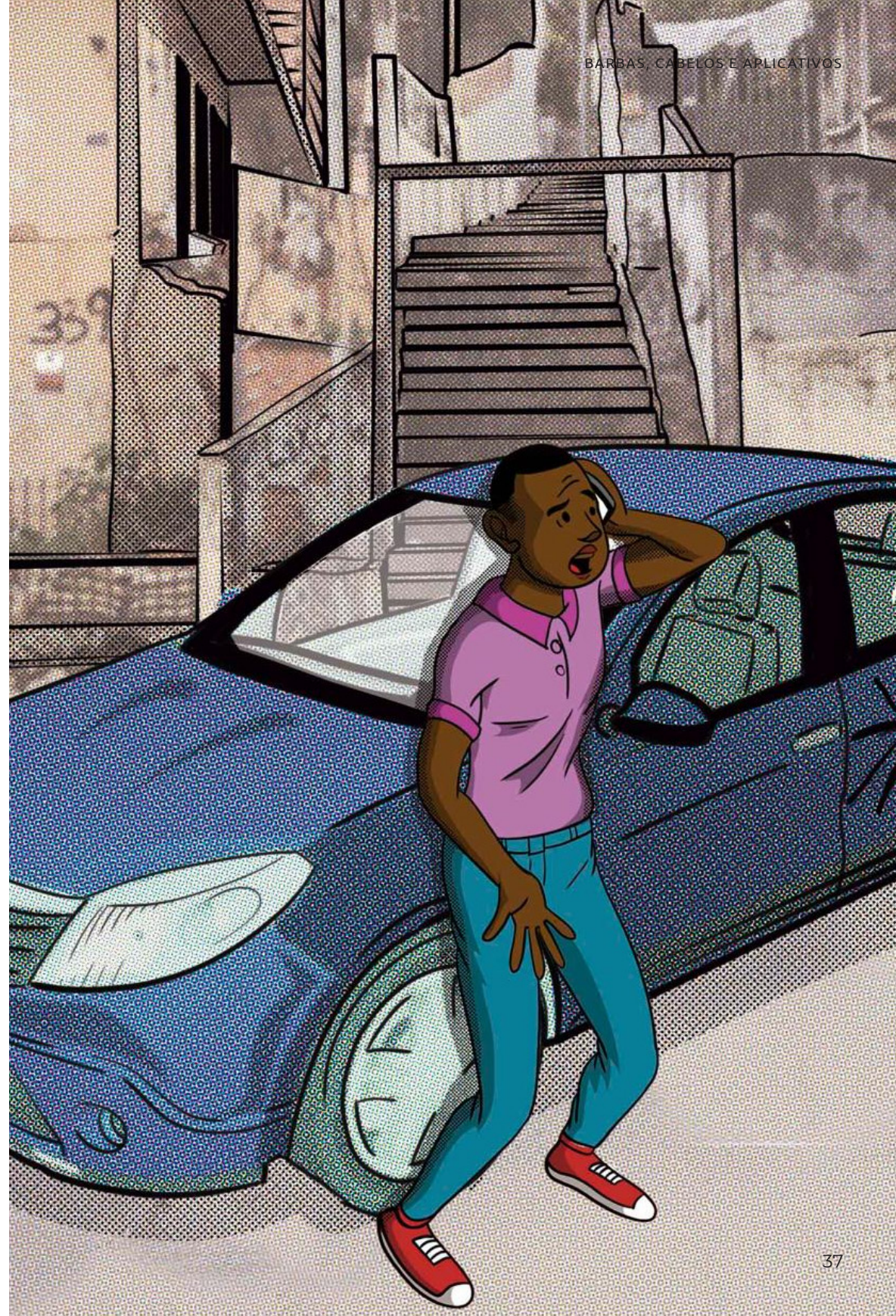
Consigo tirar um dinheiro bom, mesmo ele sendo contado na unha. Pago a pensão das crianças, que é a minha prioridade da prioridade, pago as contas lá de casa – luz, água, internet e mercado. Ajudo um pouquinho meus avós e sempre contribuo nos churrascos de domingo.

Desde o começo do ano, eu tô tentando aumentar o tempo no app pra ver se rola pagar um convênio de saúde pras crianças também. A gente tem um posto de saúde perto de casa, sempre que tá na urgência a gente é atendido lá. Mas o Renan tá tendo uma crise de bronquite atrás da outra. A gente tá passando muito veneno, ce é loko.

Toda vez que tô lá no postinho com ele, eu lembro de quando quebrei a perna. Tem funcionário que trampa lá até hoje e ainda lembra de mim! E uma coisa não posso negar, ainda bem que a gente tem esse posto. A gente reclama, mas no perrengue ele tá lá e a gente é atendido.

Uns meses atrás eu já estava pesquisando uns convênios. Tava com um caixa bom. Daí, um cara veio na contramão, bateu no carro e ainda fugiu! Amassou toda a porta de trás. O prejuízo ficou todo pra mim, deu muita raiva. Daqui uns quatro meses eu termino de pagar o conserto e, quem sabe, já dá pra pensar no convênio. Pelo menos, dessa vez o carro ficou só dois dias no mecânico e não precisei rodar com carro alugado, que sempre é mó dor de cabeça.

Carro, às vezes, faz a gente passar raiva, trânsito só estressa, mas eu confesso que tenho muito orgulho do meu carro porque eu tirei ele no meu próprio nome.



Demorou bastante, mas valeu a pena. Meu pai até me ajudou a me organizar, me levou num lugar legal pra comprar. Eu nunca troquei muita ideia de grana com ele, mas ele entende bem disso.

Pra conseguir o carro, o jeito foi fazer um financiamento. Eu tinha conseguido guardar uma grana de entrada, o que foi bom, mas teve os juros lá, que eu nem quis saber muito. Só quis fechar logo o negócio antes que o vendedor achasse algum problema no meu nome e não deixasse eu sair de lá com o carro.

O QUE VEM FÁCIL, VAI FÁCIL

Quando meu primeiro filho chegou, o carro já não foi prioridade, né. Eu tive que atrasar umas parcelas e logo meu nome ficou sujo. No início não contei da dívida para ninguém lá do quintal, bateu a maior vergonha. Também não queria dar aquele gostinho, para todo mundo, de que todos estavam certos quando falavam que eu não teria futuro cortando cabelo. De cara, eu achei que pegar um empréstimo seria a melhor opção para não perder o carro. Peguei o primeiro empréstimo que consegui no banco. E foi uma bola de neve.

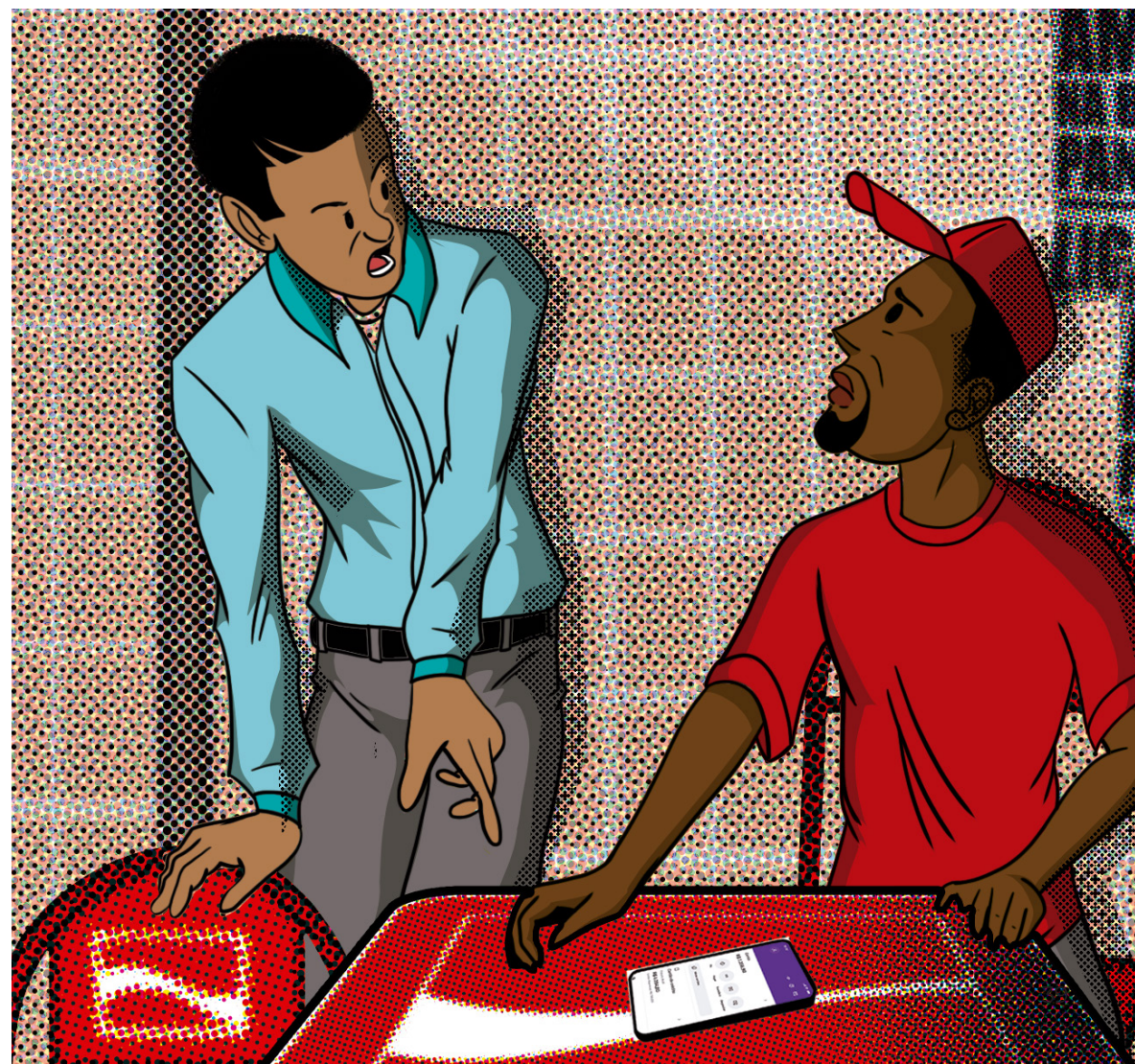
Uma hora não teve jeito. Tive que pedir ajuda porque, sozinho, não estava conseguindo lidar com tudo aquilo. Era 10 mil conto de dívida. Eu fazia entre 2 mil, no máximo 3 mil reais, no mês, e tinha que bancar as outras contas, sabe?

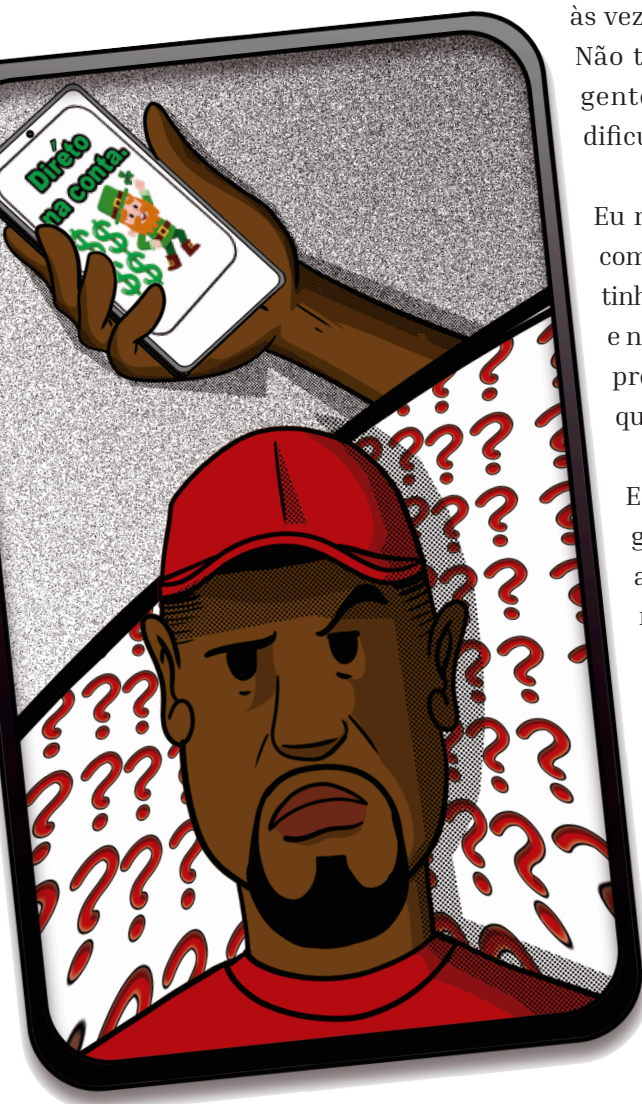
Ter aquela dívida me deixou muito ansioso, as coisas com a Jeniffer também não estavam nada bem. Cortar o cabelo dos moleques era uma coisa que me animava, e quando fiz aquela dívida não conseguia nem colocar uma música para trabalhar. Fiquei o tempo todo tenso. Teve domingo que nem saí de casa quando o pessoal estava lá no quintal. As contas não batiam. A neurose foi a mil.

A primeira pessoa pra quem eu contei foi o Carlinhos. Apesar de ter começado a trabalhar antes dele, achava ele muito organizado com dinheiro.

Carlinhos me ajudou a negociar com juros mais baixos, dei uma segurada nos gastos e consegui pagar tudinho. Limpei meu nome um tempo depois.

Na época fiquei pensando que se tivesse comprado um carro mais barato não tinha passado tanto veneno. O problema é que,





às vezes, a gente sonha alto mesmo. Não tem jeito, principalmente pra gente que já passou por algumas dificuldades.

Eu nunca tinha ido ao cinema até começar a trabalhar. Também nunca tinha comido um lanche no shopping e não sobrava unzinho para dar um presente para as meninas que eu queria paquerar na escola.

Então, quando eu comecei a ganhar meu próprio dinheiro achava o máximo, que estava rico mesmo e torrava uma semana de trabalho num dia só. Quando vi que dava pra comprar um carro, eu não quis economizar.

E precisei fazer outras dívidas, não teve jeito. Eu queria dar presentes legais pros meus filhos. Eu me esforço muito pra pagar a pensão, mas só ela não é o suficiente, tem outras despesas. Tam-

bém queria comprar um tênis brabo pra mim. Um celular bom... Sei lá, às vezes penso que isso é o básico.

Hoje, como estou melhor financeiramente, consigo ir pagando outras dívidas que fui fazendo aos poucos. Peguei muita dica de vídeos que vi na internet também, mas depois percebi que tens uns lá que só sabem enganar mesmo. Sempre que vejo uns

vídeos no celular oferecendo sei lá o que pra ganhar dinheiro fácil, eu lembro do meu avô João dizendo umas paradas.

***“Dinheiro
que vem fácil,
vai fácil.”***

Veza ou outra ainda troco essas ideias de grana com o Carlinhos, principalmente quando ele vai cortar o cabelo comigo. Ele é meio cabeça fechada para algumas coisas, é daqueles que dizem que trabalhar com aplicativo não é bom para ninguém. “Cara, tem gente que lida bem com essa coisa de chefe, de tramar nove horas por dia e passar três horas no transporte público. Eu não quero isso pra mim. Quero trabalhar perto de casa, ter tempo, fazer meu horário e não ter que ficar me justificando pra chefe.”

É eu meter essa que ele já começa: “E o plano de saúde? E o décimo terceiro? E as férias remuneradas? E o seguro-desemprego?”

É o que eu sempre digo pra ele: ele abre mão do tempo dele e da liberdade, e eu de outras coisas.

Claro que eu quero ganhar o suficiente para pagar plano de saúde ou para conseguir ficar um mês sem trabalhar, de férias numa praia com as crianças, ou me dar meu próprio décimo-terceiro. Quem sabe um dia consigo? Foram dez anos pra sair do quintal e ir pra barbearia. Eu até consegui juntar uma grana pra dar de entrada em um carro.

Depois que o Carlinhos terminou o estágio, ele conseguiu um trampo fixo. Parece que ele tem uma boa grana... Um dia, ele me explicou que tinha uma grana no FGTS. Ele diz que logo menos consegue dar entrada em uma casa. Só sei que hoje ele ainda mora de aluguel e não tem carro. Sei lá, objetivos diferentes.

PRA VIDA VALER A PENA

Nesse dia que o Carlinhos foi cortar o cabelo, encerrei lá na barbearia e fomos juntos buscar meus filhos. Era aniversário da mãe dele, a tia Kátia, e o quintal não ia deixar de comemorar.

Enquanto dirigia pra casa, contei pro Carlinhos de quando conversei com um parceiro que também tem dois filhos mais ou menos na idade do Renan e da Alice.

A gente estava na adega, dividindo um copão de whisky com energético e fumando um narguilé e ele começou com um papo todo sério, até estranhei porque, no geral, a gente só fala de futebol e mulher.

Ele trampa de segurança num prédio de boy lá do outro lado da cidade, pega dois ônibus e um trem para chegar lá. Demora umas três horas pra ir e umas três horas pra voltar para casa onde mora ainda com a mãe. Um corre doido.

Ele tava me falando que queria sair desse trabalho, que não tava dando mais. Além do salário ser baixo, de trabalhar seis dias da semana e folgar só um, ele nunca conseguia estar com os filhos.

“É que eu tô sempre cansado, tá ligado? Eu pego os moleques sexta depois de passar mó sufoco no trabalho e no transporte, aí chego em casa e só quero dormir. Aí acaba que minha mãe fica mais com eles do que eu.” Ele ainda me falou que queria ser tipo eu, ter tempo flexível.



Só que ele não se sente na segurança pra largar o trampo lá. Teve um tempo que ele precisou ficar sem trampo porque sofreu um baita acidente. Ele foi ajudar numa mudança no condomínio, só que caiu, quebrou a perna e precisou ficar um tempão em casa.

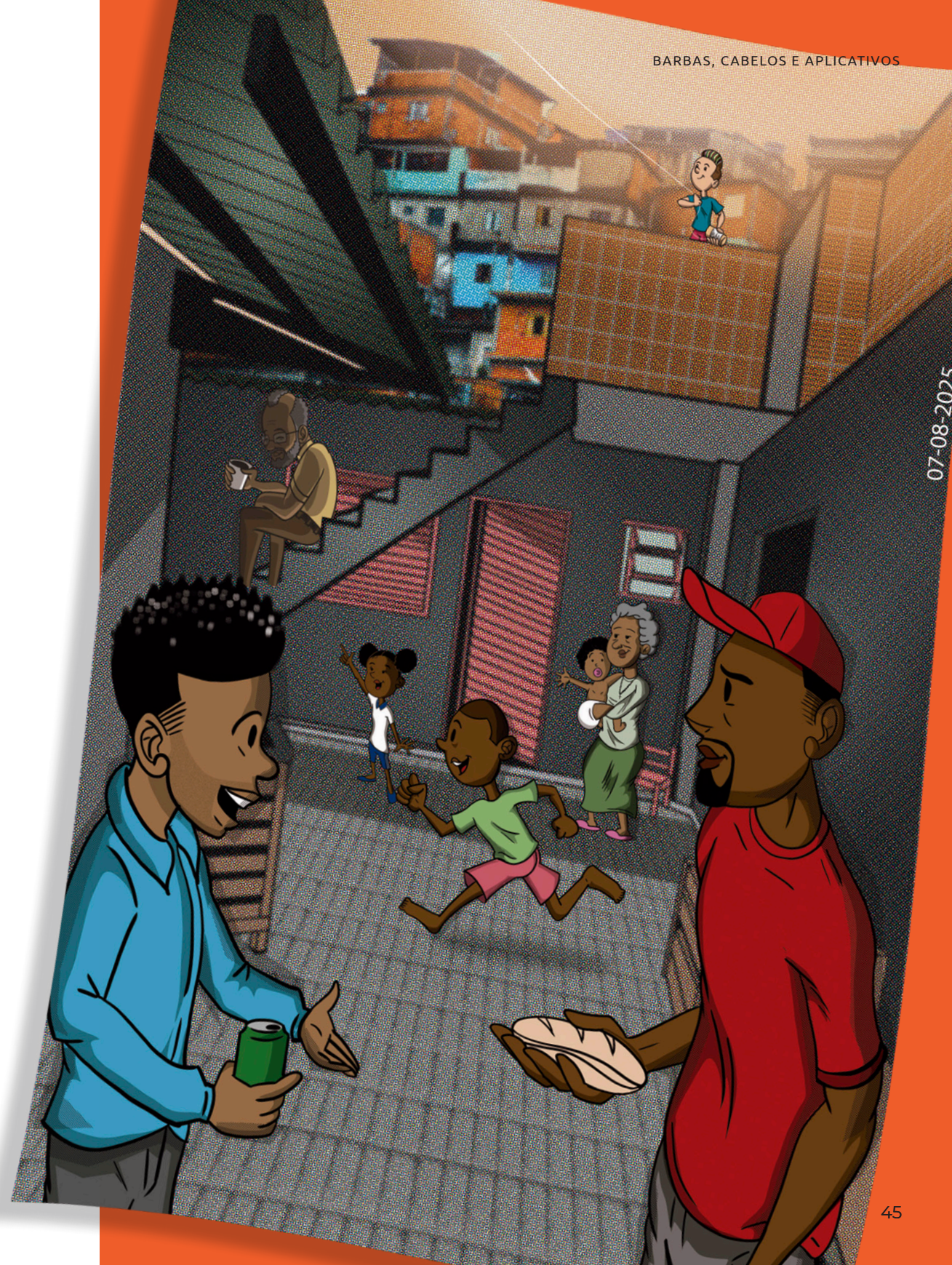
Ele entrou com pedido no INSS por acidente de trabalho. Demorou pra ele começar a receber, mas ele recebeu uma grana enquanto estava em casa se recuperando. Foi nesse papo que descobri que se eu tivesse o MEI e pagasse todo mês certinho, conseguiria, pelo menos, pegar um salário mínimo se acontecesse algo comigo.

Eu fiz a tal da MEI e agora tô tentando manter certinho, porque, se eu tivesse sofrido algo antes, tava lascado. Ia depender do dinheiro que não tinha e ia ter que trabalhar mesmo assim. Carlinhos não comentou muito, mas, mesmo dirigindo, deu pra ver pelo espelho do retrovisor que ele gostou desse meu passo.

Quando chegamos no quintal, a churrasqueira já estava acesa. Enquanto eu comia um pedaço de pão com carne e o vinagrete do padrinho Zé, olhei para o Renan brincando com os primos e a Alice no colo da minha avó. Vendo todo mundo reunido, me bateu aquela sensação boa.

Não importa o quanto eu corra, o quanto eu trabalhe ou planeje o futuro: se tudo que eu fizer na vida for por eles, valeu a pena. Eu vou fazer a grana girar mais, sonhar alto pra que meus pive-tes também tenham muito mais do que só a pensão.

Nesse dia, eu decidi: vou abrir a minha própria barbearia!



PEGA A VISÃO

Cuidar do dinheiro é também saber falar sobre ele



maioria das pessoas não pode se iludir e achar que uma boa fase significa estar com o burro na sombra. Para a maioria das pessoas, quando a grana entra, é preciso pensar direitinho onde se vai usar cada trocado.

A história de Dacinho me fez pensar sobre isso: a importância de saber falar de dinheiro. Muitas vezes, a gente aprende o que é prioridade na nossa vida naquela conversa olho no olho, sem jogar palavras ao vento.

Se aprende conversando, fofocando, cantando...O que muita gente chama de oralidade. Por muito tempo, essa foi a única forma de os mais velhos transmitirem o que sabiam aos mais novos, sabia?

Na real, continua sendo, porque tem muuuuita coisa que os livros e a internet não ensinam. Tem coisa que é a vida, a experiência, sacou? E o dinheiro é bicho arredo, tem que ficar duas vezes mais ligado.

E se Dacinho tivesse tido coragem de perguntar ao pai, à mãe ou à vó Lenice como sair de um perrengue de grana? Ou sobre como deveria gastar a sua grana?

Falar de dinheiro não é só saber quanto custam as coisas. É saber o valor do nosso esforço e das escolhas que a gente faz – e até daquilo de que podemos ou não abrir mão.

Só que falar sobre dinheiro virou um tabu – e isso é tipo uma mordenga que inventaram pra gente continuar na ignorância.

Parece que dinheiro se resume a números, a salários, ao que se compra, compra e compra... E não é bem assim. Ou não deveria ser!

Dinheiro é aquele passeio no parque, o presente que damos para alguém, o esforço constante para juntar moeda por moeda pra realizar o sonho da casa própria, um cafofo pra chamar de seu. Dinheiro também é aquele imposto que é – ou deveria ser – revertido em direitos, aquilo que a gente já nasce tendo que ter, como habitação, saúde e educação.

Dinheiro também é sobre garantir que nossa vida seja melhor, a tal da qualidade de vida que hoje em dia se fala.

Dacinho também falou muito sobre pagar um convênio médico para os filhos. Isso é importante, porque ele quer que eles tenham acesso ao que precisam, claro. Mas a gente também precisa pensar em como o dinheiro se reflete nos direitos, né? E vice-versa. Será que Dacinho sabe que saúde é um direito? Remédio não é luxo, é questão de vida. Posto de saúde tinha que ser sagrado, isso sim!

O SUS tem muitos problemas, mas, como o próprio Dacinho disse, ele é uma – talvez a única – opção para quem precisa, mas não tem a bufunfa. Além disso, o SUS é gigante, atendendo gente de tudo quanto é canto do país. É um sistema de saúde que existe em poucos lugares no mundo. O dinheiro pago em imposto é o que deve ser revertido para melhorar o acesso e a qualidade do sistema de saúde.

Dacinho também sempre quis um carro, e este acabou sendo o meio com o qual ele complementa a sua renda. Mas já parou pra pensar em como um tantão de carro, às vezes, mais complica do que ajuda?

Tipo, se a gente tivesse um transporte público e coletivo bacana, que garantisse com dignidade o transporte de pessoas, o ir e vir,

como será que as cidades seriam? Como será que o trânsito seria? Até porque, o trabalhador não foi feito pra andar igual sardinha em lata, não é? O tempo é rei, então, nunca é tarde pra começar. Falar sobre essas questões no dia a dia pode ajudar a criar um senso crítico maior sobre o que está à nossa volta.

Que bom que Dacinho conseguiu ouvir e conversar com o primo Carlinhos, né? Assim, ele passou a conhecer e tirar dúvidas sobre um montão de coisas. Com certeza, o Carlinhos também refletiu muito.

Antes de eu ir, uma última ideia aqui: não se educa só o filho, né? Se educa também o bolso. Ensinar as crianças a falarem de dinheiro deveria ser igual ensinar a escovar os dentes: desde pequeno, pra não doer depois. Se pá, agora o Dacinho vai falar de organização financeira com seus filhos de uma forma bem mais leve.

Isso vai fazer muita diferença na vida deles, porque quanto mais cedo a gente fala sobre finanças com os mais novos, mais cedo eles aprendem a fazer escolhas melhores, a viver de forma mais tranquila, a priorizar o que é possível e a ser mais teimoso pra sonhar com o futuro.

SE LIGA, É DIREITO!



Art. 6º da Constituição Federal

“São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.”



COMO COMEÇAR A ORGANIZAR AS FINANÇAS



- 1 Comece mapeando e entendendo seus gastos. Você vai precisar conhecer seus hábitos para saber: o que é prioridade, o que dá pra reduzir e pra onde seu dinheiro está indo.
- 2 Pegue seus extratos dos últimos dois meses, anote tudo: o que entrou de grana, o que comprou, os custos com contas – dos pequenos aos grandes gastos.
- 3 Agora que olhou os gastos, chegou a hora de listar o que é recorrente. Contas fixas como aluguel, transporte, comida, internet; e aqueles gastos mais variáveis que sempre aparecem do nada, como presentes, compras online, entre outros. Pense: o que pode ser ajustado?



Dá uma olhada de onde vem o seu dinheiro

Quais os trabalhos você fez nos últimos meses? De onde veio a sua renda? Liste salário, bicos, freelas ou rendas extras. Anote tudo e veja o que rendeu mais e o que pode ser uma oportunidade de ganhar mais dinheiro, sem se enrolar.



Bora olhar pro futuro

Anote despesas dos próximos meses, incluindo eventos da família, datas comemorativas, alimentação, transporte e até aquela graninha para o lazer. Quanto mais previsão tiver seu orçamento, menos susto você toma!



Onde fazer tudo isso

Pode usar planilha, caderno ou aplicativo. O importante é ser confortável pra você! Organizar suas finanças é sobre ter mais controle e menos aperto!

TENHO UMA DÍVIDA, E AGORA?



Pode ser que, ao listar seus ganhos e despesas, você perceba que, infelizmente, tem uma dívida.

Dicas importantes para sair do aperto:

- 1 Liste todas as suas dívidas: anote o valor, a taxa de juros, o motivo da dívida e o tempo de atraso. Defina prioridades;
- 2 Analise quais dívidas precisa pagar primeiro: às vezes, a gente tem uma dívida muito grande, mas sem uma boa oportunidade de negociação. Por outro lado, pode ter uma dívida menor que nem considera, mas que poderia ser quitada;
- 3 Faça negociações com planejamento: procure a instituição e descubra o valor atualizado da dívida, mas não feche nada. Olhe para as suas contas antes de aceitar qualquer acordo. Às vezes, quando possível, vale avaliar propostas de acordos.



PAPO RETO

A dívida é um problema social que afeta a saúde mental, causando estresse, insônia, ansiedade e até sintomas no corpo, além de afetar nossas relações pessoais. Se for o seu caso, se atente aos sinais e procure ajuda especializada. Uma opção é procurar o SUS, que oferece atendimento psicológico gratuito por meio da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).



Se não pagar, a dívida caduca?

Quantas vezes não achamos que não precisamos mais pagar uma dívida porque ela vai caducar? Para quem pensa assim, é importante saber: nem todas as dívidas caducam.

Dívidas com pensão alimentícia, dívidas fiscais (como impostos e multas de trânsito) e algumas dívidas trabalhistas, entre outras, não caducam.

As dívidas que caducam após cinco anos da data de vencimento são, na maioria, aquelas dívidas de consumo, como empréstimos, compras no crédito, faturas de cartão de crédito. **Só que tem um detalhe muito importante:**

Caducar é diferente de deixar de existir!

Mesmo se caducar, a sua dívida continua existindo! O que acontece, na prática, é que, depois de cinco anos, o seu nome sai dos órgãos de proteção ao crédito como Serasa e SPC, mas a dívida continua existindo com o credor.

Além disso, quando passa esse período, a cobrança não pode mais ser feita judicialmente, ou seja, o credor não pode mais entrar na Justiça para cobrar essa dívida. Mas ele ainda pode fazer cobranças extrajudiciais por ligações, e-mails, negociações diretas etc.

Além disso, as dívidas interferem no score do inadimplente, que é uma pontuação que varia de 0 a 1.000 e indica a probabilidade de uma pessoa pagar as contas em dia. É o chamado risco de crédito.

SE LIGA



Endividado e inadimplente não são a mesma coisa

Estar endividado significa que nossa renda futura já está comprometida. Significa que o salário que você vai receber no mês, ou nos meses seguintes, já tem uma parte reservada para pagar alguma dívida, como parcela do cartão de crédito, empréstimo ou financiamento. Ou seja, essa dívida ainda não está atrasada, mas já faz parte do seu orçamento mensal.

Estar inadimplente significa que a dívida já está em atraso. Ou seja, você deixou de pagar no prazo e agora tem um valor pendente.



Por que isso é importante?

Porque na hora de organizar as finanças, muitas pessoas esquecem de considerar o que já está comprometido e o que realmente precisa ser quitado urgentemente.

Segundo a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), em fevereiro de 2025, os brasileiros ficaram mais endividados, porém menos inadimplentes.

TÔ ENDIVIDADO, PEGAR EMPRÉSTIMO RESOLVE?



Quase todo mundo que acabou fazendo uma grande dívida já pensou em fazer um empréstimo. Só que falar de empréstimo é sempre uma coisa séria. Se você não acha, comece a achar.

Quando a gente pega um empréstimo e tem alguma grana em mãos, costuma pensar pouco sobre o que vem depois.



Uma das coisas mais importantes para saber antes de pensar em pegar um empréstimo é: a quantidade de dinheiro que você pega de empréstimo nunca é a que você vai pagar de volta ao banco.

Isso porque toda vez que você faz um empréstimo, você devolve o dinheiro que pegou com “juros”, ou seja, uma taxa que vai ser acrescentada ao valor do empréstimo.

Por exemplo, vamos supor que você pegue R\$ 100,00 emprestado do banco, e ele irá te cobrar R\$ 20,00 de juros. No final, você terá que devolver ao banco o valor total de R\$ 120,00.

O valor que você pega emprestado com o banco é parcelado, mas precisa ficar ligado nas parcelas. O número de parcelas também pode influenciar no total de juros que você vai pagar até quitar seu empréstimo.



Então, antes de definir se vale a pena pegar um empréstimo para pagar uma dívida, ponha tudo na ponta do lápis:

-  Quanto precisa de fato?
-  Qual parcela cabe no seu bolso?
-  Em quanto tempo você vai pagar essa dívida?
-  Qual o número de parcelas?
-  Qual a taxa de juros?
-  Cheque se o banco não está cobrando seguros e coisas extras
-  Faça pesquisa em vários bancos



Nunca deixe de conferir as taxas de juros e comparar com as da dívida.

Para valer a pena pegar um empréstimo para pagar uma dívida, as taxas do empréstimo devem ser menores do que as taxas da sua dívida atual. Isso é conhecido como “trocar dívida cara, por dívida barata”!

O Dacinho errou na hora de calcular o quanto precisava, mas a linha de raciocínio para a solução era boa. Na hora de ajustar as contas, cada caso é um caso, então não deixe de colocar tudo na ponta do lápis e pesquisar bastante!

SE LIGA



Nunca comprometa mais de 30% da sua renda mensal com empréstimos.

Desconfie de promessas boas demais. Propagandas como “empréstimo fácil, sem consulta, dinheiro na hora” podem ser uma grande armadilha!



COMO FUNCIONA UM FINANCIAMENTO VEICULAR



O financiamento é a única forma de muita gente, assim como Dacinho, conseguir comprar um veículo. Mas, sem os devidos cuidados, a compra pode virar uma dor de cabeça!

É importante saber que este tipo de financiamento funciona como um empréstimo feito por uma instituição, que pode ser um banco ou uma instituição financeira. Sendo um empréstimo, o valor será cobrado parcelado e com juros – e é aqui que mora o perigo.



Após a escolha do veículo, é importante se atentar a coisas como:

- 1** Quanto maior o valor da entrada no financiamento, ou seja, o valor que você paga assim que o realizada, a probabilidade é que você pague menos juros, uma vez que os juros sempre vão ser calculados pelo monte que se deve do empréstimo;
- 2** Preste bastante atenção ao número de parcelas (geralmente de 12 a 60 meses): quanto maior o número delas, maior será o valor cobrado no final;
- 3** Atenção redobrada também à taxa de juros: pesquise com calma e faça simulações em diferentes lugares para conseguir a melhor proposta;
- 4** Os valores em juros e multa, em caso de atraso nas parcelas do financiamento, também merecem atenção, pois podem fazer uma boa diferença ao fechar as contas do mês;

5

Parece chato, mas ler o contrato no ato da compra é crucial: isso pode evitar ser pego de surpresa em alguma eventualidade;

6

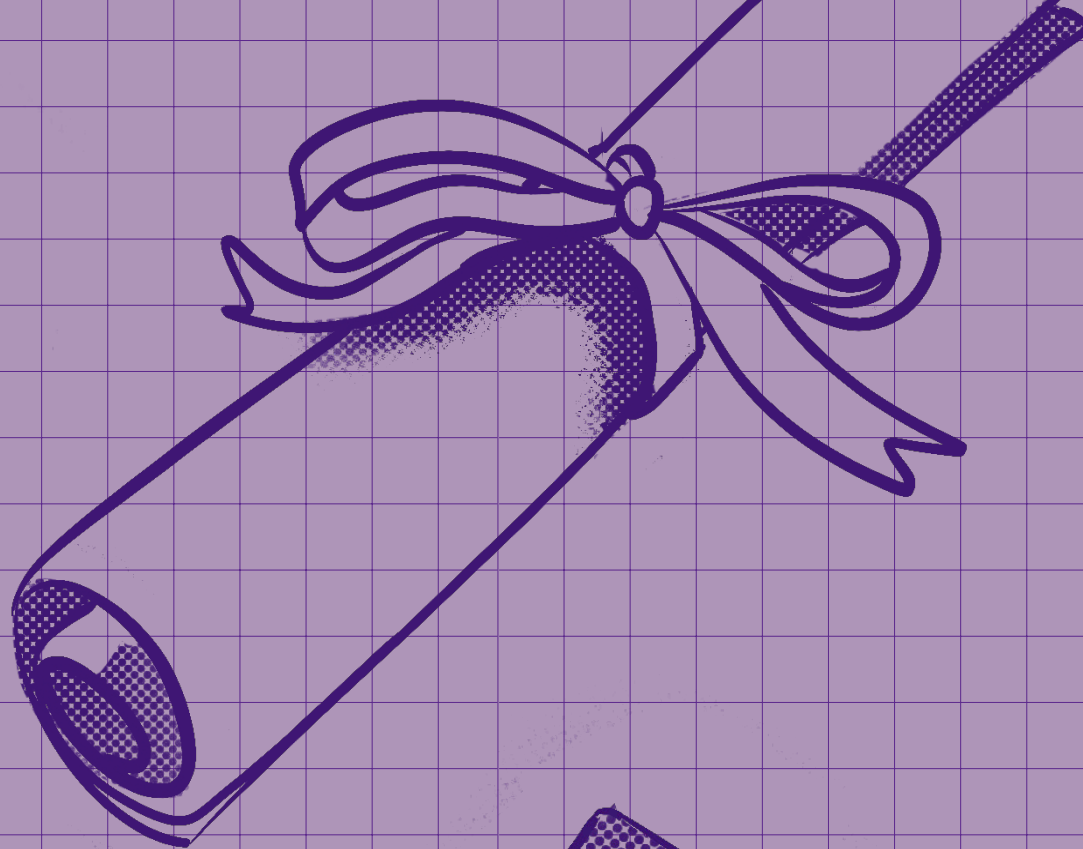
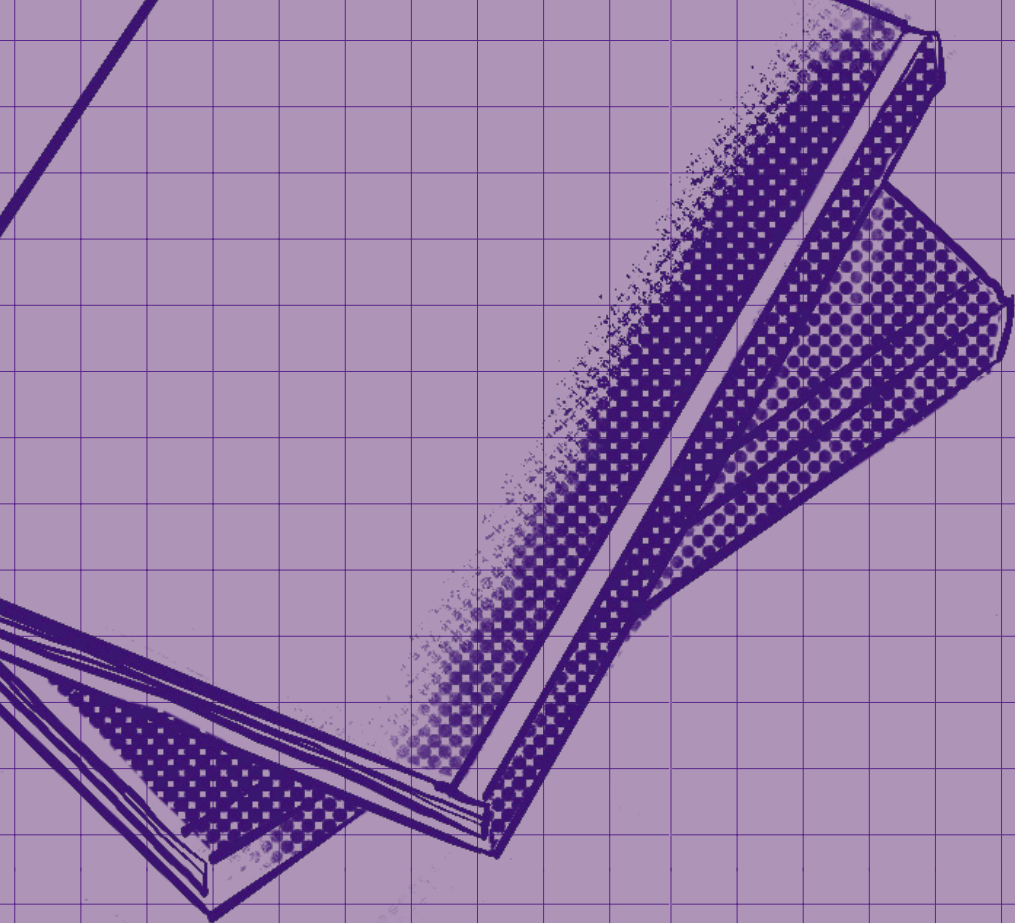
Se atente às documentações e pré-requisitos básicos para a contratação do financiamento.

SE LIGA



Quando você realiza a compra de um veículo por meio de um financiamento, o veículo é repassado para o nome do/a comprador/a, porém, em condição de alienação fiduciária, ou seja, o banco ou a financeira são os donos legais até o pagamento total da dívida. Após o pagamento total, a alienação é retirada e o carro passa a ser do/a comprador/a.





O CORRE DOS LIVROS, DIPLOMAS E CARTEIRA DE TRABALHO





H

oje foi a milésima vez que sonhei com a minha formatura. No sonho, eu tô de beca preta, com diploma na mão e no púlpito fazendo meu

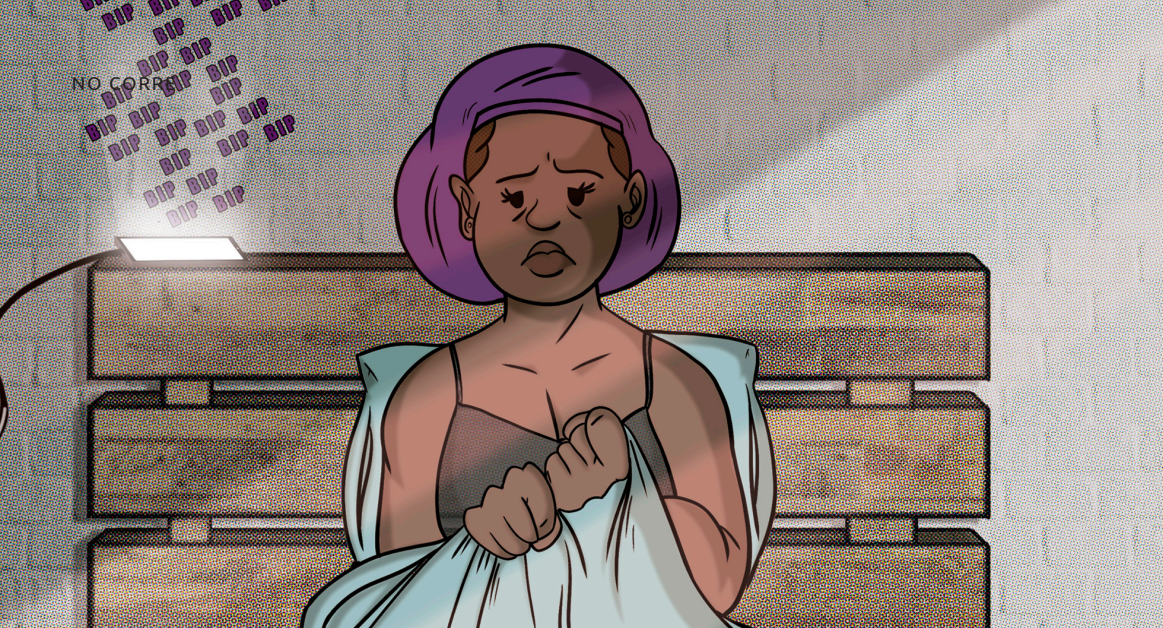
discurso. De cima do palco, consigo ver a família Santos todinha em lágrimas.

“Muitas vezes, pareceu ser impossível, mas agora a gente pode agradecer uns aos outros. A Fernanda dos Santos é advogada! Vencemos, família!”

O sonho estava lindo, até que a realidade chegou! Às 5h30, o relógio despertou. Eu desliguei o barulho e fiquei na cama com uma sensação boa, como se segurasse de verdade um diploma na mão.

Quando vi as horas, óbvio, estava atrasada. Corri pra me arrumar e só pensava que não poderia sair sem tomar um café da manhã decente. Além disso, tinha que fazer a marmita do almoço. Comer na rua é muito caro!

Saí de casa correndo, mas, mesmo assim, perdi o ônibus. É como diz minha avó Cida: “Quanto maior a pressa, mais devagar se anda!”



Como o busão só passa de 40 em 40 minutos, pedi um carro por aplicativo pra não chegar atrasada no estágio. O motorista chegou bem rapidinho. Tive sorte porque, geralmente, tem poucos carros circulando no bairro.

Entrei no carro. Estava morrendo de sono, mas o motorista puxou conversa. Eu nunca fico falando da minha vida assim, pra qualquer um, mas ele pareceu ser gente boa e falou da vida dele também. Além disso, era um gatinho, o papo estava desenhando bem, mas ele ficou indignado que eu saía tão cedo e voltava tão tarde pra casa.

“Eu saio do estágio e vou direto pra faculdade, curso direito. Não tem o que fazer, a gente tem que ir atrás do que é preciso pra melhorar de vida, né?”

Quando ele começou a falar que eu lembrava um tal de Carlinhos, chegamos na estação. Achava que ele ia pedir meu número, mas também nem tive coragem de pedir o dele.

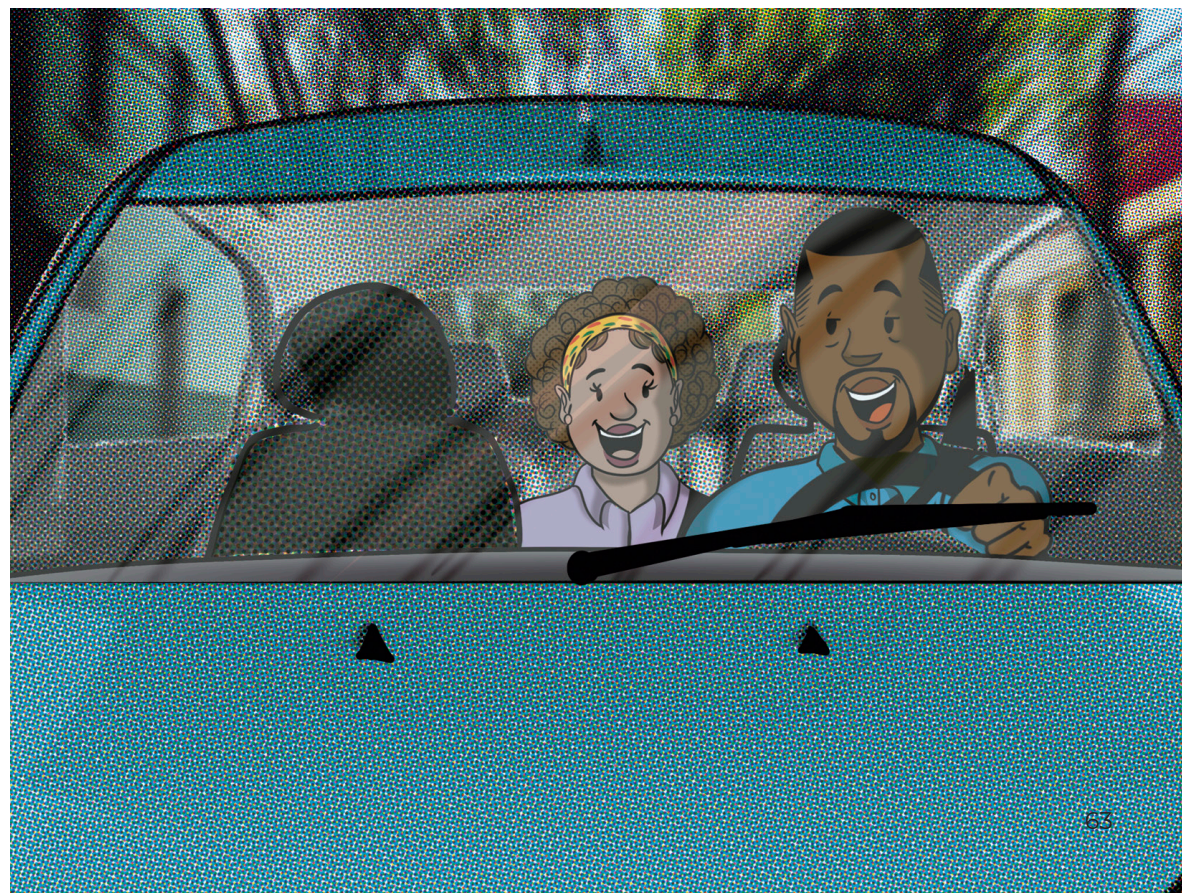
Não demorou muito e recebi uma notificação no celular com o valor da corrida cobrada no cartão de crédito. Quando elas

chegam, me dá um frio no estômago. Fico pensando na fatura do cartão e no dinheiro que só vai embora.

A última vez que tive problema com o cartão de crédito foi a maior dor de cabeça. Eu tinha uma conta digital com um limite de cheque especial e um cartão de crédito com limite de R\$ 1 mil.

Só que, para além de usar com os custos de comida e estudos, acabei usando o cartão toda vez que via uma promoção de alguma coisa – era blusinha, sapato, coisas pro cabelo...

De repente, percebi que estava comprando muita blusa e não conseguia parar. Afinal, tinham algumas promoções que pareciam ser muito vantajosas, né. Só que eu nem precisava mais de blusa.



Na época, nem me dava conta de que também precisava tentar guardar um tanto pros imprevistos. Quando minha mãe precisou de um remédio caro, por exemplo, não tinha outro jeito e comprei tudo no cartão. Parcelado, é claro.

No outro mês, não rolou pagar a fatura total, paguei o que deu. No mês seguinte, vi os juros que tinham acumulado e usei o cheque especial pra pagar um tanto a mais da fatura. E foi juros sobre juros – do cheque especial e do cartão.

Quando contei pra minha vó Cida, ela logo disse: “Cartão de crédito não é dinheiro, Fernanda!” Isso nunca mais saiu da minha cabeça.



Tem coisa que não tem o que fazer, eu sei. Se a gente recebe pouco, vai acabar fazendo uma dívida ou outra pra dar conta de ter algumas coisas. Na facu, teve um dia em que fui à lanchonete comer e me deparei com uns preços bem pesados: R\$ 12 um salgado e R\$ 7 um café! Fiquei pensando: “Todo mundo aqui é milionário?”

Não foi à toa que meu cartão de crédito estourou também, sabe. Mas depois que participei de uma oficina lá no centro comunitário da vó Cida, comecei a pensar sobre algumas coisas. Era uma oficina para ensinar as senhoras do bairro a organizarem as contas de casa.

Eu não era uma senhora, claro, mas a vó me chamou pra ajudar na organização. E não é que aprendi uns truques legais?

Olhando uma coisa e outra, organizei tudo em uma planilha. Fiquei surpresa ao ver quanto eu estava gastando com comprinhas pequenas e comida na rua nesse ir e vir pra tanto lugar. Refleti muito sobre o que eu realmente estava precisando, o que era uma necessidade, e o que eu só tinha vontade, o que comprava só pra ter mesmo.

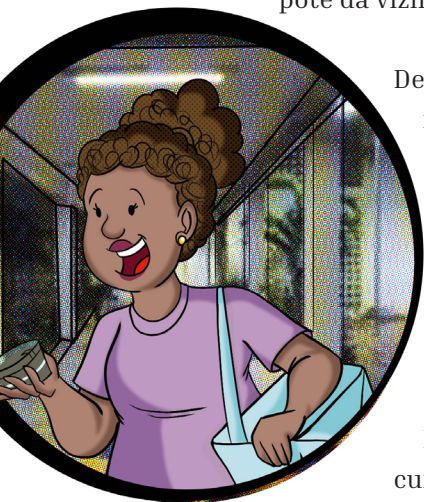
Aprendi na marra o que é o tal do juros rotativos. Que pavor! Nunca mais! Resolvi não ter mais o cheque especial da conta e prometi que ia usar o cartão só no limite do que eu pudesse pagar no mês. Então, cortei o limite do cartão pela metade.

Mesmo assim, as contas estão apertadas todo mês. Além disso, é óbvio que a vontade de comprar coisas não passou. Se eu pudesse definir a minha relação com dinheiro em uma palavra, seria: insegurança.

Mas tenho conseguido me virar bem e pensado melhor no que priorizar. Afinal, arrumar um segundo trabalho está fora de cogitação; senão, não vai dar pra estudar.

O PRIMEIRO PASSO É SEMPRE O MAIS DIFÍCIL

Hoje eu completei um ano de estágio. Antes, eu fazia um bico aqui e outro ali. Trabalhei em loja, call center, como garçonete, vendia bolo de pote da vizinha. De tudo um pouco.



Depois de um tempo nisso, decidi que, já que estava na faculdade, não podia perder mais tempo e precisava trabalhar na minha área. Esse período de procura foi tenso demais.

É bizarro como, em cada entrevista, pediam por “experiência”. Mas o estágio não é justamente pra conseguir experiência, gente?

Em uma das entrevistas, uma mulher pegou meu currículo e me olhou dos pés à cabeça. Perguntou se eu tinha inglês fluente e se sabia usar planilhas e documentos online.

Eu fiz uns seis meses de inglês lá no centro comunitário da vó Cida, mas o curso parou porque a professora era voluntária e não conseguia mais ir. Quase contei pra recrutadora, mas deixei pra lá. Eu sempre estudo uma coisa ou outra vendo uns vídeos na internet. Todo dia também faço exercícios em um aplicativo.

Só que eu estava tão de saco cheio com esses tipos de entrevista, que quando a recrutadora me perguntou, na minha cabeça, a resposta pra ela foi: “Amada, atravessei a cidade, peguei dois busão e trem!! Se eu fosse fluente, não estaria aqui.



Mas eu fiz uns folders pro mercadinho do lado de casa, pro salão da Val e uns cartões de visita pro seu Duque, meu vizinho, que é contador lá do bairro. Serve?”

Mas me contive e, mesmo suando frio, o que respondi foi só um: “Não sou fluente, mas tenho conhecimentos em inglês e experiência com plataformas de edição de imagens, planilhas e textos.”

Não tem jeito, a gente precisa se virar pra mostrar que sabe das coisas. Achei que mandei bem. Mas a cara dela era impagável. O final dessa história foi igual a de muitas outras depois dela: “Adoramos seu currículo, mas fica para uma próxima oportunidade!”

Em cada negativa, eu fui me convencendo de que não era capaz. Sei lá... Por mais que me esforçasse, não tinha como não pensar que, talvez, o problema era eu porque não era boa o suficiente.

Sabe, procurar estágio é algo que machuca muito. O pessoal de RH acha que temos todo o tempo do mundo pra fazer mil etapas de entrevistas. As vagas também quase nunca têm os valores dos salários.



Pra estágio isso não acontece muito, mas vejo muito anúncio de vaga que pede pra pessoa enviar o currículo e informar a pretensão salarial. Eu acho isso uma tortura! Acho que as pessoas devem ficar muito em dúvida se pedem um bom salário, o salário que merecem mesmo, ou se pedem um menor pra, quem sabe, ter mais chances de conseguir a vaga.

Não dá pra saber se a pessoa está se desvalorizando ao pedir pouco ou se está sendo mal vista por pedir o que realmente precisa ou quer. Não dá pra saber nada!

Esses dias estava falando sobre isso com meu primo, João. Ele me falou de um outro problema nas seleções: que as empresas não estavam aceitando receber currículos de pessoas da universidade dele. Eu falei: “Como assim?”

Ele me explicou que têm faculdades que são mais bem vistas e outras que os recrutadores nem sequer querem receber currículos. Ele estava bem triste com isso, porque se esforçou muito pra entrar na faculdade. Foi uma felicidade enorme quando a vaga dele saiu pelo Prouni. Fiquei bem chateada de saber disso. A gente só quer uma oportunidade para trabalhar, sabe.

Eu não acho que passei por isso porque a universidade federal em que consegui entrar com o Sisu é bem vista nos escritórios de advocacia. Mas, mesmo assim, estar nela não foi o diferencial pra conseguir trampo.

Tudo só mudou pra mim quando Seu Duque estava conversando com minha mãe na frente de casa. Ele disse que a esposa dele, Dona Cláudia, trabalhava como copeira em um escritório de advocacia.

Dona Cláudia era bem querida lá e na mesma semana conversou com algumas pessoas, que pediram que eu enviasse meu

currículo. Entrei no site do escritório, enviei tudo que precisava, mas nem botei fé que ia dar em algo.

Quando eu menos esperava, fui chamada para uma entrevista online. Só que, um dia antes da data marcada, choveu demais no bairro e acabou a luz. No dia seguinte, a luz tinha voltado, mas a internet, não.

Como acordei cedo – na verdade, nem dormi com tanta ansiedade – deu pra ir para a casa da minha vó tentar fazer a entrevista de



lá. De ônibus, dava uns 20 minutos, mas o trânsito estava tão feio por conta da chuva que demorei mais do que o dobro de tempo.

No busão, um carinha estava ouvindo música alta no celular. Eu sempre fico irritada com isso, porque, poxa, ninguém é obrigado a ficar ouvindo a música dos outros, né? E se todo mundo do busão resolver ouvir música alta? Vai ser um inferno. E é tão fácil de resolver... é só usar fones.

Mas, nesse dia, parecia que o destino queria mais era me testar mesmo. Sentada no fundo, a música era tipo um recado pra mim. Era Racionais. A música, eu já sabia de cor, chamava “A vida é um desafio”. Conheci e ouvi muito nas aulas de uma professora quando estava no cursinho comunitário.

*“Desde cedo a mãe da gente fala assim: ‘Filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor.’
Aí passado alguns anos eu pensei: Como fazer duas vezes melhor, se você tá pelo menos cem vezes atrasado pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos traumas, pelas psicoses... por tudo que aconteceu? Duas vezes melhor como?”*

Fiquei pilhada, quase esqueci de descer, por pouco não perdi o ponto. Cheguei toda nervosa, já bem em cima da hora da entrevista. Entrei na sala online pedindo desculpas. A entrevistadora, Renata, perguntou como eu estava, e, claro, eu fingi normalidade.

A entrevista foi bem diferenciada. Sei lá, foi a mais leve que já fiz. Quiseram saber sobre a minha história de vida, não só sobre o que eu sabia ou não. Lembro que a Renatinha, como todo mundo

a chama lá no escritório, ficou incrédula pelas minhas referências de samba da antiga! Isso é mérito do meu pai, o véio é louco de carteirinha nesse tipo de música, então escuto desde pequenininha!

Em poucos dias, recebi um e-mail dizendo que tinha passado para a segunda fase e teria que ir presencialmente ao escritório. Era fim de mês. E a grana pro transporte? Meu pai pediu um dinheiro para um amigo do serviço dele. Era o único jeito.

Quando cheguei, vi uma moça sorridente na recepção. Uma negrona linda! Sei lá... fiquei feliz de ver alguém parecida comigo.

Lembro dos detalhes desse dia até hoje. Falei com dois advogados boa pinta, o Dr. João e o Dr. Cláudio. Um deles chegou a me perguntar em qual área eu queria me especializar. Respondi bonitinho, mas na minha cabeça, como sempre, eu só estava pensando: “Sei lá, só quero um emprego, me dê logo!”

Uns dias depois, eu lá, chorando as pitangas porque não sabia como ia comprar o livro de “Introdução ao Direito”, me questionando se tinha respondido tudo certinho na entrevista, a cabeça borbulhando...

No fim da tarde, veio a notícia de que tinha sido contratada.

A família fez festa! Meu pai aproveitou que era sexta e foi logo comprar umas pizzas. Vó Cida foi correndo lá pra casa, nunca a vóia chegou tão rápido.

Na segunda-feira, eu começaria a trabalhar. De uma pessoa que tinha R\$ 4 na conta, em breve receberia meu primeiro salário de verdade.

Óbvio que eu sabia que a conta daquelas pizzas ia sobrar pra mim. Lá fui eu de novo usar o cartão sem dinheiro na conta.

Mas a gente tem que celebrar também, né? Valeu a pena, depois ajustei as contas! Eu tinha conseguido um emprego, ia ter meu primeiro registro na carteira de trabalho!

CONHECER PARA CONQUISTAR

No almoço, vi uma mensagem da Carol no nosso grupo de amigas da facu: “Fechamos a pousada! Bora todo mundo pra praia!” Fiquei encarando a tela. Como é que eu ia? Meu salário do mês já tinha destino certo. Não era toda vez que sobrava algo pra diversão. Eu respondi avisando que não ia, mas a Larissa disse



que elas podiam dar uma força e dividir entre elas a estadia, que o importante era eu ir.

Elas já começaram a fazer os cálculos de quanto eu tinha que juntar pra passar os dias do feriadão na viagem. A grana da passagem que era o B.O., um problemão. Se eu bancasse, ia passar aperto pelo resto do mês, talvez meses. Se não fosse, ficaria de fora da primeira viagem com minhas amigas.

A Amanda me mandou um link de um vídeo que chamava “Você sabia que estudante pode viajar de graça de ônibus?” Achei que era brincadeira, mas era real. Um negócio chamado ID Jovem. Como é que eu nunca tinha ouvido falar disso antes?

A primeira vez que viajei na vida foi com um projeto social, lá do centro comunitário da vó Cida. Eu tinha uns 13 anos. Quando saí do bairro pela primeira vez, pareceu que tinha aberto uma porta nova na minha cabeça. Quantos lugares eu já poderia ter visitado com desconto ou até de graça? Eu prometi pras meninas que ia pesquisar melhor aquilo.

Outra coisa que descobri com elas foi o tal do bandeirão, que foi uma salvação. Lá eu pagava R\$ 1,30 pra comer! Tinha que fazer um cadastro no começo do ano – e que bom que as meninas me avisaram logo! Conhecer bem onde a gente estuda e ter contatos é tudo!

É engraçado dizer, mas só fiz amizade com quem também mora muito longe. Acho que é natural a gente se aproximar de quem tem uma vida mais parecida com a nossa, né? Pegamos afinidade e até formamos um grupo com o nome: “Tão, tão distante”!

Pra economizar no transporte, eu também sempre vou do estágio direto pra faculdade. Geralmente chego bem antes do início da primeira aula, então dá pra jantar bem tranquila.

Mas hoje eu estava com receio de chegar atrasada. O tempo passou voaaaaando e, quando entreguei algumas tarefas do dia, fui chamada pela minha chefe pra ir na sala dela. Ela estava séria. Tremi por dentro, e achei que ela ia me demitir.

CONQUISTA COLETIVA É MAIS SABOROSA

Sentei na cadeira do escritório e esperei minha chefe falar. Acho que fiquei cinco minutos em estado de hipnose depois que ela disse:

“Seu contrato de trabalho termina neste mês. Você é uma das nossas melhores estagiárias, senão a melhor. Temos uma proposta, queremos te efetivar. Vai mudar um pouco o seu escopo de trabalho, mas é um salário bem melhor, e pode ser uma ótima oportunidade para se consolidar aqui. Quem sabe, depois de se formar, também trabalhe conosco como advogada. O que você acha?”

Eu não consegui ter outra reação a não ser chorar. Todo esforço estava valendo a pena. Salário maior, mais estabilidade. Eu que-



ria gritar, mas me contive e disse que estava muito feliz e animada com a oportunidade. Aceitei na hora a proposta.

No caminho pra faculdade, fiquei pensando no que isso significava. Minha primeira decisão vai ser confirmar essa tal viagem. Além disso, vou poder ir no seminário de direito que estava morrendo de vontade, mas parecia ser impossível, já que é caríssimo. Ir vai ser uma boa oportunidade para fazer contatos. Salário melhor, mais oportunidades!

Assim que cheguei na facu, fui direto pro bandejão. Achei minhas amigas e elas logo repararam no meu sorriso de orelha a orelha! “Quem é a mais nova efetivada do escritório de advocacia? Eu!!!”

Gritamos e nos abraçamos como uma vitória coletiva! Estamos juntas desde o primeiro semestre. Sempre nos apoiamos, com-

plementamos nossos trabalhos, compartilhamos anotações e oportunidades. É interessante perceber que estudar não é só sobre você.

Até pensei em ligar pra casa e contar pra todo mundo. Mas essas notícias a gente tem que contar ao vivo. Eu preciso ver o rosto de todo mundo quando contar!



Eu sempre tive o apoio da minha família, mas minha mãe tem um papel central. Ela sempre disse que o meu sonho é o dela também. Isso não a impede de reclamar incansavelmente da minha ausência, principalmente quando vou pro centro comunitário pra estudar e passo o dia inteiro fora.

Lá é o lugar mais calmo perto de casa. Mas, na maioria das vezes, só vou depois de ajudar ela na faxina. É cansativo, mas depois de um tempo percebi que passar esse tempo com ela tem seu valor. Foi em um dos nossos bate-papos de faxina que percebi o quanto ela estava gastando dinheiro com jogos online. Vez ou outra, já tentei falar disso com ela e nunca foi fácil. Ela desconversa, fica brava, diz que estou tentando pintá-la como viciada. Me dói no coração quando ela diz isso.



Vou tentar seguir o conselho da Dra. Mariana, que também conheci lá no centro comunitário. Ela aparece lá vez ou outra para dar conselhos jurídicos pro pessoal.

Ela me sugeriu tentar organizar a família toda para que, juntos, a gente olhasse pro problema. Também disse que era importante acolher antes de julgar. Todo mundo tem diferentes formas de lidar com problemas, né? Às vezes, jogar pode estar sendo um refúgio da minha mãe para algum problema maior, sei lá.

Eu nunca tinha pensado dessa forma. Eu pesquisei a semana toda sobre jogos, li reportagens com pessoas que procuraram auxílio psicológico pra lidar com isso.

Agora, com as coisas se encaminhando no trabalho, pode ser uma boa oportunidade pra ajudar minha mãe. Ela não vai se aguentar de felicidade quando eu contar.

Além disso, amanhã é sábado. Acho que a gente vai ter que deixar a faxina de lado pra comemorar em grande estilo: vai ser dia de churrasco! Esse é o momento que vale a pena cada centavo! E vou passar tudo no cartão, é claro!

**Até sei o que minha mãe vai dizer:
"Comemora, é tu, negona!"**



PEGA A VISÃO

O quanto a gente tem e o quanto a gente existe?



história da Fernanda traz muitas reflexões sobre como a gente se relaciona com grana e consumo das coisas, né? De fato, às vezes, a gente faz umas coisas com a cara mais lavada que pau de galinheiro!

Quem nunca se sentiu muito feliz em comprar algo? Quem nunca se sentiu culpado ou envergonhado depois de ter comprado alguma coisa quando não tinha dinheiro? A gente está comprando o tempo todo – e será que a gente precisa disso?

Tem uma coisa que se chama **consumo impulsivo**, que é aquele que acontece quando a gente vê uma promoção e percebe que o preço baixou, mas nem reflete se aquela compra realmente faz sentido pra gente. A ideia na hora é: “Nossa, preciso aproveitar isso aqui porque está muito barato!”

Você nem faz as contas, nem olha direitinho, só age por impulso. Às vezes, aquela compra no cartão de crédito, ou até o empréstimo que você pegou, não foram as melhores decisões financeiras, justamente porque aconteceram no impulso.

Tem também o **consumo compulsivo**, que é aquele comportamento repetitivo. Geralmente, vem com um desejo ou uma necessidade imediata que a gente não consegue controlar e acaba levando muito mais do que precisa.

Muitas vezes, a gente perde as estribeiras e consome excessivamente coisas que nem fazem sentido. Começa por um impulso e vira uma compulsão! Isso afeta muito a nossa saúde mental.

Esses tipos de consumo afetam diretamente nosso estresse financeiro e geram ansiedade. Faz todo mundo ficar ruim da cabeça, não tem jeito. No caso da Fernanda, infelizmente, teve até endividamento. E deu pra perceber como ela fica tensa o tempo todo com o cartão?

A gente precisa refletir constantemente: o passeio sempre precisa ser no shopping? A comida sempre precisa ser comprada fora? A marca da roupa realmente é mais importante que a vestimenta? O que será que molda as nossas escolhas de consumo nesse mundo?

Falar de finanças e consumo também cai na caixinha da autoestima, da autoconfiança. Será que se tá consumindo ou existindo? Antigamente, a gente era porque era. Mas será que agora é preciso consumir para existir?

“O consumo nos convence que pra ser alguma coisa, você precisa ter alguma coisa.”



Mônica Costa

Especialista em educação financeira

Refletir sobre como o dinheiro e o consumo interferem na sua rotina é um passo central para reorganizar o que precisa, incluindo as finanças e a forma como a gente vive no dia a dia.

Consumo faz parte, mas não pode ocupar um lugar maior do que outras coisas. É parte, não o todo.

Ter e comprar não são o problema. Nunca! A sacada está em entender as prioridades a partir das condições – quando existem, claro!

A Fernanda trouxe uma prosa muito importante sobre isso. Quando há mais recursos, há mais oportunidades. E vice-versa.

Muitas vezes, a gente se endivida não porque quer ou porque não se controla, mas porque não tem os direitos básicos garantidos. Tipo como foi com o Dacinho.

Imagine se a Fernanda não tivesse que se preocupar tanto com os gastos de transporte e alimentação. Se pá, ela poderia ter menos custos e, conseqüentemente, ter mais condições de pagar outras coisas.

Não é à toa que muitos estudantes brasileiros se mobilizam pelo desconto estudantil e pelo passe livre na passagem do transporte público, né. Para a maioria deles, essa é a única forma de transitar pela cidade.

Quanto mais caro ele for, menos oportunidade eles têm de transitar, de ir à escola, ao posto de saúde, e até mesmo ao cinema, teatro ou parque. Quem não gosta de bater perna ou de fazer um fuzuê danado de bom?

A Fernanda também me fez matutar um bocado sobre coletividade, em como o saber se espalha na roda, trocando junto. Às vezes, a gente só pensa naquela parte da faculdade que é só abrir livro, conseguir nota e mais nota, tudo no individual.

Mas quem quer ser das letras precisa entender que todo conhecimento, se a gente parar pra pensar certinho, é uma junção do conhecimento de várias pessoas, né?

Ou seja, todo conhecimento é coletivo – ou deveria ser!

Esse processo da Fernanda dentro da universidade, de ter parceiras, compartilhar informações, é essencial. É esse mesmo

movimento que vai ajudar a ela e as amigas no mercado de trabalho, formando uma rede própria de indicações, aprendizados e avanços profissionais. Não basta só tá virado num doutô, não. Fernanda quer botar o pé pra fora da porteira e experimentar mundos novos.

Quanto mais pessoas com vivências semelhantes às dela adentram as universidades, mais provável que se transforme a estrutura social e econômica de lá, que sempre privilegiou uma única parcela de gente, não é mesmo?

Mas é sempre importante entender que o lugar de onde a gente vem nunca sai da gente. E entender seus defeitos é tão importante quanto entender seus pontos positivos.

Afinal, tem muita coisa boa na quebrada, na favela, no gueto. E quando a gente entende seus problemas, a gente pode ajudar a mudar essa realidade.

Transitar e crescer é importante, mas a gente nunca deve esquecer da importância de voltar pras raízes – e repartir o que aprendeu no caminho com quem ficou por lá.

Deixo aqui um recado importante do pensador quilombola **Nêgo Bispo (1959–2023)** que todo estudante precisa levar pra vida:

“Aprender mesmo, a gente aprende quando o saber não é mercadoria.”

A GRANA TÁ CURTA NOS ESTUDOS, E AGORA?



Uma boa educação financeira também passa por conhecer sobre direitos sociais. Aqui, algumas dicas e orientações para estudantes e jovens de baixa renda.



Para curtir um lazer

A Lei Federal nº 12.933/2013 garante a meia-entrada em espetáculos artístico-culturais e esportivos para estudantes, idosos, pessoas com deficiência e jovens de baixa renda com idades entre 15 e 29 anos. Para acessar o benefício, é necessário apresentar o ID Estudantil emitido pelo Ministério da Educação. É possível ter o documento digital e impresso.

+ Saiba mais informações: <https://portal.mec.gov.br/>



Para a passagem do transporte

Boa parte das cidades e estados possuem leis que oferecem descontos ou gratuidade no transporte coletivo público para estudantes. Em São Paulo, por exemplo, há cotas de passagens gratuitas no sistema municipal de transporte por ônibus para estudantes que atendem a determinados critérios, como baixa renda. Pesquise bem no site de cada município e verifique esse direito.



ID Jovem

Direito que garante benefícios de meia-entrada em eventos artístico-culturais e esportivos, além de duas vagas gratuitas e duas vagas com 50% de desconto em ônibus interestaduais a jovens de 15 a 29 anos, com renda familiar de até dois salários mínimos. Para acessar o benefício, é necessário estar no CadÚnico (cadastro federal criado como ferramenta para garantir o acesso aos

programas sociais, direitos e políticas públicas) e baixar a carteirinha no app ID Jovem.

Basta baixar o app ID Jovem, inserir os dados do CadÚnico e gerar a carteirinha digital. Para ter acesso aos descontos, é necessário apresentar a carteirinha na hora de adquirir ingressos e passagens!

➕ **Saiba mais informações:** www.gov.br/secretariageral/pt-br/juventude/idjovem



Dentro das universidades

Nas públicas, alguns auxílios fazem parte da política de assistência estudantil e ajudam a garantir a permanência de muitos estudantes nos estudos. Procure o setor de assistência estudantil, consulte e verifique os critérios e o passo a passo para acessá-los. Entre alguns benefícios estão:

1

Auxílio permanência:

bolsa mensal para ajudar nos custos com transporte, alimentação e material acadêmico;

2

Auxílio transporte:

as universidades públicas disponibilizam um valor mensal para cobrir esses gastos;

3

Restaurante universitário (Bandejão):

oferece refeições a preços reduzidos. Em algumas instituições, há isenção total da taxa para estudantes de baixa renda;

4

Auxílio moradia e alojamentos:

ajuda financeira para quem precisa morar longe da família para estudar. Em algumas universidades existem alojamentos estudantis gratuitos;

5

Auxílio material didático:

apoio para a compra de livros e materiais essenciais, principalmente em cursos com alto custo de materiais;

6

Auxílio eventos estudantis:

ofertado para garantir o acesso e a participação de alunos em congressos, seminários e eventos estudantis que geralmente possuem custos como taxa de inscrição;

7

Bolsa de pesquisa e trabalho:

além do estágio, muitos estudantes conseguem bolsas dentro da universidade, recebendo um valor mensal para fazer algumas atividades. A bolsa de pesquisa é para quem participa de projetos acadêmicos e científicos, geralmente em parceria com professores. Já a bolsa trabalho funciona como um apoio para estudantes que trabalham dentro da universidade, em áreas administrativas, bibliotecas e laboratórios.

SE LIGA



Dá pra economizar com os livros!

- Verifique se sua universidade possui algum programa ou auxílio de apoio ao estudante.
- Busque em sebos físicos e online, muitos deles vendem pela metade do preço – plataformas como Estante Virtual, Amazon, OLX também são opções.
- Procure por grupos de troca, eles existem em muitas faculdades.





PAPPO RETO

Sim, é dever do Estado – nos âmbitos federal, estadual e municipal – assegurar o acesso à educação. Maaaaas, nem sempre foi assim. Por muito tempo, só acessava a educação as pessoas que tinham mais poder aquisitivo, mais grana e, consequentemente, mais influência.

Atualmente educação é um direito porque muita gente, principalmente negra e indígena, lutou bastante para que todo brasileiro e brasileira pudesse ter acesso ao conhecimento.

Tá na Constituição, mas muita gente ainda não tem acesso ou tem um ensino precário e limitado.

No ensino superior, por exemplo, tem gente que luta e luta, e até consegue entrar em uma universidade, mas acaba desistindo por não ter condições econômicas ou sociais para continuar.

Além disso, tem muito direito conquistado que, vez ou outra, está ameaçado ou sendo revisado. É o caso das cotas raciais e sociais nas universidades.

Sancionada em 2012, a lei nº 12.711, chamada Lei de Cotas, prevê a reserva de 50% das vagas das universidades e institutos federais de ensino superior a estudantes de escolas públicas. Dentro dessa reserva, estipula regras para destinar vagas a alunos de baixa renda, negros (pretos e pardos), indígenas e com deficiência.

A lei constantemente gera muito debate e tem muitos erros de interpretação sobre o seu objetivo. Mas, quando analisamos os números, verificamos como ela tem mudado o panorama da educação superior no Brasil.

A quantidade de alunos negros no ensino superior, por exemplo, saltou quase 75% entre 2014 e 2018, segundo dados do Censo da Educação Superior. Até 2023, no entanto, 67 projetos de lei pretendiam alterar a lei no Congresso Nacional, boa parte delas para reduzir direta ou indiretamente a reserva de vagas para negros, segundo pesquisa da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN).

“A vaga conquistada por um cotista não é de uma pessoa só. Atrás daquele aluno tem uma família, tem uma comunidade que está criando uma série de expectativas. Às vezes, isso não é nem só família biológica, mas espaços coletivos dos quais essa pessoa participa. No médio e longo prazo, o impacto das ações afirmativas vai além do indivíduo. Ele fortalece redes, inspira novas gerações e constrói um legado.”



Fernanda Oliveira

Historiadora, professora e especialista em ações afirmativas

DICAS IMPORTANTES PARA ACESSAR A UNIVERSIDADE



👉 Enem

O Exame Nacional do Ensino Médio é a principal porta de entrada para o ensino superior no Brasil, seja público ou privado, por ser usado como critério de seleção em diferentes frentes, como Prouni, Fies e SisU.

➕ **Saiba mais:** <https://www.gov.br/inep>

👉 Fies

O Fundo de Financiamento Estudantil é o financiamento do ensino superior em instituições privadas, com taxa de juros menores e condições de pagamento mais flexíveis. O prazo para quitar a dívida pode chegar a 14 anos ou mais, por isso, é essencial pensar na organização e planejamento financeiro depois de concluir os estudos.

➕ **Saiba mais:** <https://acessounico.mec.gov.br/fies>

👉 Prouni

O Programa Universidade para Todos oferece bolsas de estudo (integrais ou parciais) em universidades privadas. Para participar é preciso obedecer a critérios específicos, como ter renda mensal per capita de até 3 salários mínimos.

➕ **Saiba mais:** <https://acessounico.mec.gov.br/prouni>

👉 SisU

É um programa do governo federal no qual os estudantes que realizam o Enem têm a oportunidade de disputar vagas em universidades públicas e institutos federais.

➕ **Saiba mais:** <https://acessounico.mec.gov.br/sisu>

COMO SE ORGANIZAR COM O CARTÃO DE CRÉDITO



A primeira questão é a escolha do tipo de cartão de crédito que melhor se encaixa na sua necessidade.

Parece uma tarefa simples, mas nem tanto.

Questões como anuidade, limite e pacote de opções para finalidades específicas – como viagens ou compras – devem pesar na hora da escolha.



Anuidade

Prefira opções de cartões sem anuidade (taxa que alguns bancos cobram pelo uso do cartão). Caso escolha um cartão com anuidade, é importante saber que essa taxa pode ser paga mensalmente ou uma vez ao ano.

Alguns bancos também oferecem isenção da anuidade caso você gaste um valor mínimo por mês. Isso pode ser uma cilada se você acabar gastando mais para tentar receber essa isenção.



Opções e finalidades diferentes

Cada cartão tem utilidades e critérios diferentes. Por exemplo, um cartão pode oferecer um pacote que seja mais útil para quem quer juntar milhas para uma viagem, outro cartão pode oferecer melhores condições para compras no supermercado. Pensar nos objetivos pode ser um diferencial para o bolso.

→ Como escolher o limite

Seu limite não deve ser maior que sua renda mensal! Isso é importante para que você tenha capacidade de pagamento, caso um dia sua fatura chegue no valor total do limite.

→ Parcelamento de fatura

Parcelar deve ser a última opção. Quando você paga só uma parte da fatura e deixa um saldo restante a pagar, seu cartão entrará no crédito rotativo, o que significa que o banco cobrará juros bem altos sobre o valor que faltou pagar, além de incluir taxas e custos pelo parcelamento da fatura.

Não deixe o banco parcelar automaticamente sua fatura, observe a sua capacidade de pagamento, dê o valor que você tem e escolha parcelas com prazo adequado.

SE LIGA

Fique de olho em cartões que exigem tempo mínimo de permanência ou que só oferecem vantagens se você aceitar a contratação de seguros e outros produtos.

Evite ter muitos cartões de crédito, isso pode te atrapalhar!



O IMPACTO DOS JOGOS ONLINE



Eles existem em diversas modalidades e podem ser divertidos, mas também fazer com que muita gente perca dinheiro. Alguns começam com pequenos desafios, e, em pouco tempo, requerem a compra de itens para adquirir condição suficiente para avançar no jogo.

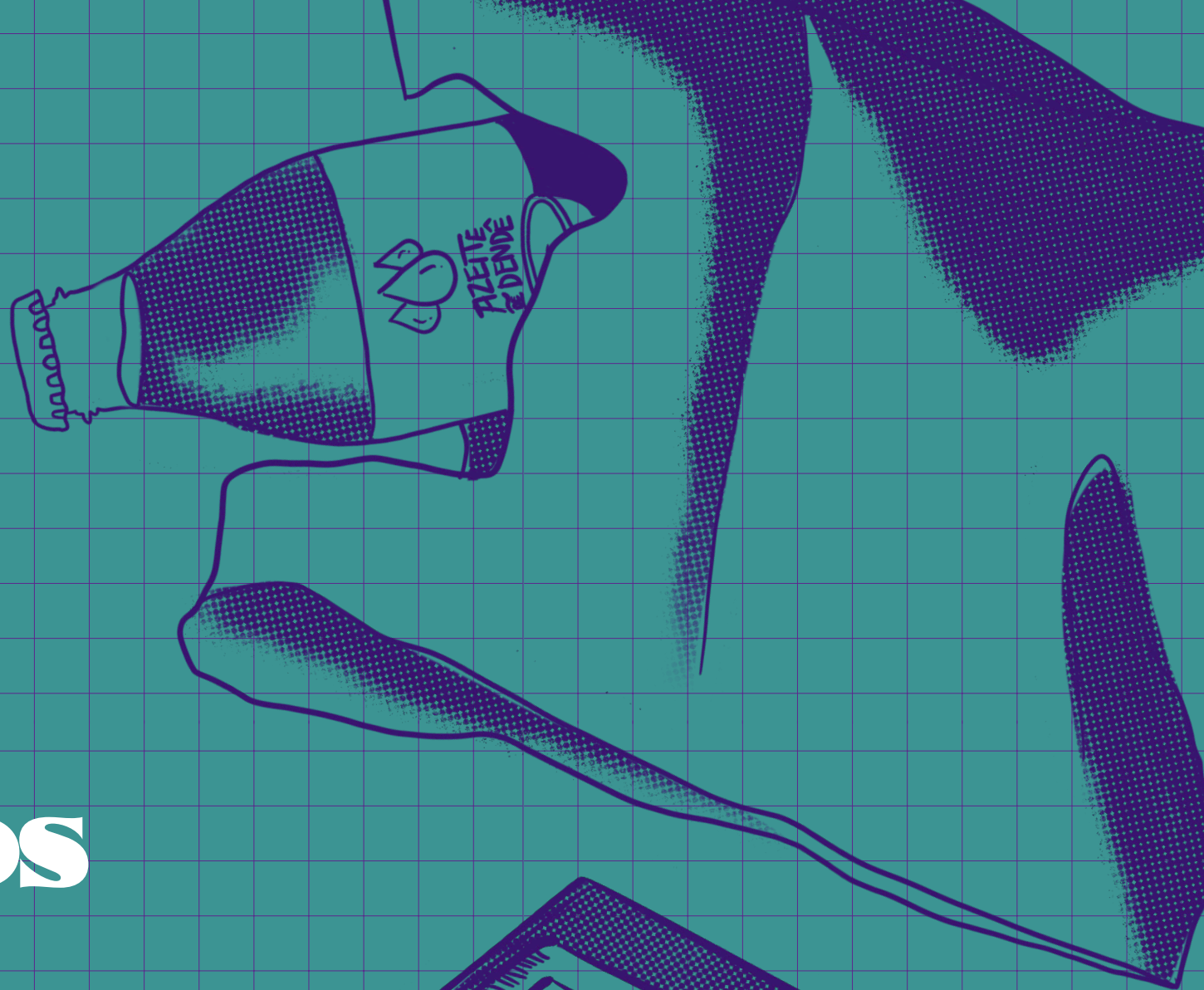
Outros, os famosos jogos de apostas online, as bets, fismam a atenção por permitir que se ganhe no início, mas quando menos se espera, mais se gasta do que se ganha.

Enquanto esse tipo de jogo ganha cada vez mais adeptos no Brasil, as discussões e preocupações aumentam. De um lado, o domínio atual das marcas de apostas online em patrocínios, seja de times, de meios de comunicação ou influencers. Ou seja, se elas patrocinam todos os meios de comunicação e influência, quem critica os possíveis abusos deste modelo de negócio?

Por outro lado, há questões que envolvem a saúde pública e o bolso do brasileiro. Estes tipos de jogos podem viciar, debilitando a saúde mental. E quem vicia, gasta mais - o endividamento é quase certo.

No caso das bets, especialistas têm alertado que estamos diante de uma crise social e econômica, uma vez que muitas pessoas, principalmente de baixa renda, erroneamente veem nos jogos uma forma de conseguir algum recurso financeiro.

Refletir sobre apostas esportivas e uso de grana em joguinhos de desafios online é essencial para cuidar do fechamento das contas no final do mês. Procure ajuda ou ofereça ajuda, e incentive conversas sobre isso! A liberdade financeira real só é possível através da nossa autonomia e do nosso conhecimento.



**O CORRE DOS
NEGÓCIOS,
BUROCRACIAS
E CASA
PRÓPRIA**





Deve fazer uns dois anos que não passo uma mão de tinta nas paredes do mercadinho. As rachaduras já devem ter o mesmo tempo que os pés de galinha que começaram a brotar na minha cara. A placa da frente já está tão desbotada que nem sei mais se os clientes conseguem ler “Mercado Fernandes”.

Há 23 anos, quando fui demitido do serviço, me mudei do cortiço pra cá, na periferia, porque o aluguel era bem menor. Como não consegui outro trabalho, comecei a fazer uns bicos de pedreiro. Tinha aprendido bem com meu pai e meu tio quando era menino no interior. Só que tinha mês que ganhava, mês que não.

Um dia, a Cleusa, minha mulher, falou pra gente abrir um mercadinho, que as amigas dela do bairro estavam reclamando que quando precisavam comprar alguma coisa, nunca tinha nada perto, só o bar do Tião, que tinha uma vendinha, mas que elas não gostavam de frequentar muito lá.

Lembro que ela me disse: “Acho que pode dar certo. Comida todo mundo precisa comprar, não importa a época”. Eu achei a ideia boa. Não entendia nada de vender, mas eu conhecia muita gente.

Além disso, ela tinha razão. Naquela época, a gente sempre tinha que pegar um ônibus e demorava quase uma hora pra conseguir chegar no mercado mais próximo. Era o maior sufoco porque a gente tinha que comprar tudo que precisava de uma vez e voltava com muitas sacolas pesadas. Era o jeito pra não ter que ir ao mercado mais de uma vez no mês.

A gente pegou parte do dinheiro que me pagaram quando fui demitido e deu um trato na garagem da casa alugada. O espaço era grande – e pra começar tava bom. Também precisei comprar um freezer, que levou boa parte do dinheiro. Não dava para fazer uma marcenaria bacana, mas deu pra comprar umas prateleiras e improvisar um balcão com tijolos e uma tábua boa. Depois, compramos alguns alimentos para revender.

Decidir o nome foi esquisito. Aqui todo mundo já me conhecia como Toninho. Acho que até hoje uma ou outra pessoa já me chamou do meu nome mesmo, Antônio. Mas eu achei que “Mercado do Toninho” era feio. Tinha que ser um nome de patrão, mais chique, sei lá.

No fim, coloquei “Mercado Fernandes”. Mas o nome não pegou. O povo sempre chama de mercadinho do Toninho – e tá tudo certo, fazer o quê.

Durante muito tempo a gente guardou o dinheiro numa caixinha de madeira. Todo fim de mês, eu e a Cleusa brigava por conta de dinheiro porque não sabia o que tinha gastado e o que tinha entrado de verdade.

Ainda bem que hoje a gente mudou um pouco. Preciso, né? Senão ia ter que fechar de vez. A gente começou a usar computador, mas daí também teve muita briga, mas por conta das tal de planilha. A Clara, nossa filha, precisou nos ajudar e começou organizar tudo quando fez uns 13 anos.



Ela praticamente nasceu aqui dentro e bagunçava essas prateleiras todas. Deixava a gente doidinho. Uma vez, ela subiu em uma prateleira e derrubou todas as mercadorias. Ainda bem que não tinha nada de vidro. Já pensou?

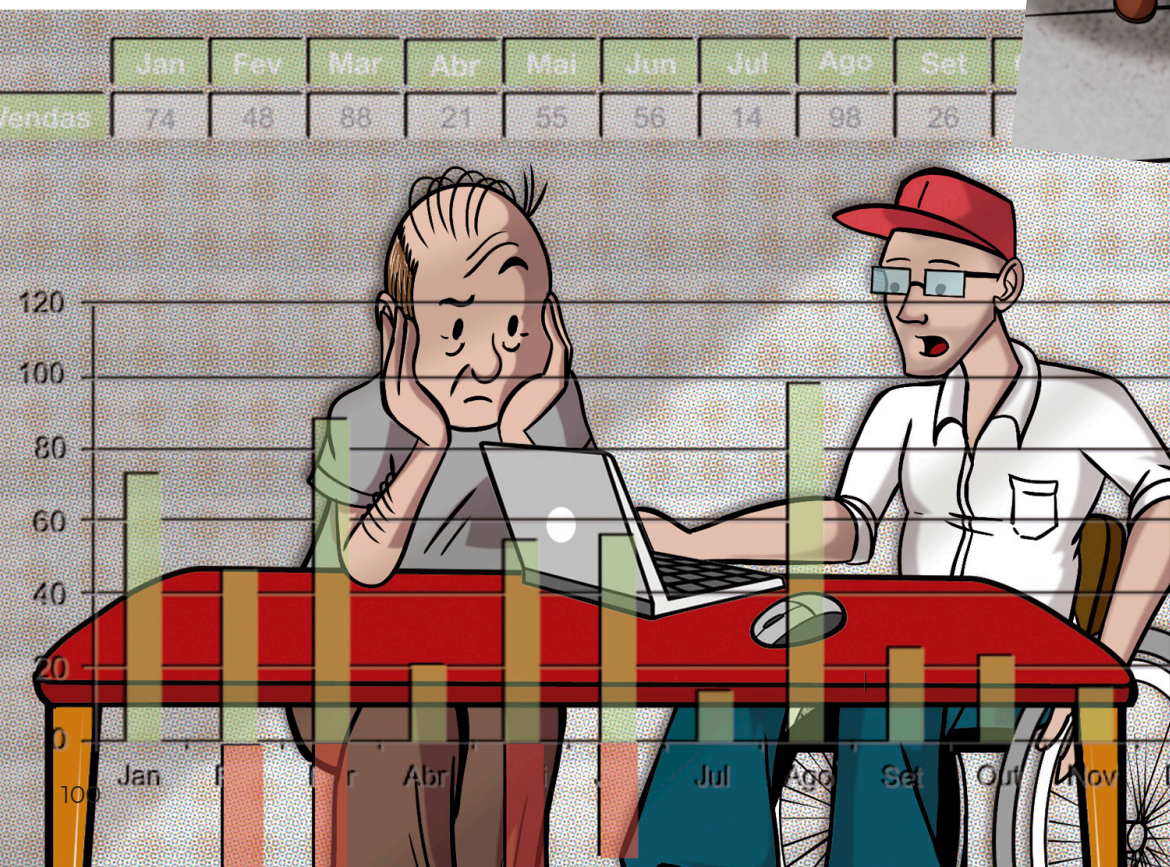
O Pedro, neto da dona Augusta, que mora na rua de baixo, também ajudou instalando um sistema aqui pra organizar a administração. Ele teve uma infância difícil porque passou a vida toda na cadeira de rodas. O menino soube aproveitar algumas oportunidades e estudou essas coisas de tecnologia.

Ele e a Clarinha são muito amigos. Uma vez ouvi os dois falando que era um absurdo as calçadas daqui não terem rampas. Eu nunca tinha parado pra pensar nisso. Quando cheguei aqui era

tudo mato. Mas, pensando bem, como é que o Pedro consegue ir pra lá e pra cá? Tem calçadas, mas elas já são difíceis pra gente andar, imagina pra ele.

Nesse dia, também ouvi a Clarinha falando de um tal professor do cursinho, que uma vez explicou que moradores, se se juntassem, podiam exigir da prefeitura melhorias pra onde a gente mora. Umas mudanças até que seriam uma boa ideia por aqui.

Clarinha pegou rapidinho o jeito pra mexer no sistema do Pedro, e as coisas são bem mais organizadas hoje em dia. Mas nesse ano ela não tem conseguido ajudar muito nisso, não. Eu nem posso reclamar da menina. Ela tá bem esforçada, estudando muito pra tentar entrar na faculdade. Diz ela que quer ser médica. Agora, só vive com a cara enfiada nos livros.



Em pensar que ano passado a gente só vivia brigando. Eu não dei conta não, a menina queria chegar em casa na hora que desse na telha, não estava dando satisfação mais pra onde ia. A gente brigou muito.

Um dia, sei lá porquê, ela me convidou pra ir no centro comunitário daqui, o da Cida, porque ia ter uma psicóloga lá. Eu não tinha entendido nada, mas como era segunda, dia em que fecho mais cedo o mercadinho, fui. Queria não, mas fui.

Foi bem esquisito, mas no fim eu até gostei da conversa da moça. A gente nasceu nessa vida e não teve muita oportunidade de conhecimento, né? Deu pra entender que a Clara queria falar umas coisas comigo, mas que eu não estava conseguindo escutar.

E ela também não me escutava. Acho que naquele dia ela entendeu o quanto eu fico preocupado com ela. Paramos de brigar como antes, mas vez ou outra ainda tem um arranca-rabo em casa.

Ela vive falando de terapia. Mas eu sou lá homem de terapia? O mercadinho abre às 7h e fecha às 22h.

FIADO SÓ PRA QUEM É DE CONFIANÇA

No começo, tinha mês que o dinheiro só dava mesmo pra pagar o aluguel e repor o estoque. Comida nunca faltou porque, quando não tinha, a gente pegava do mercado e ia se virando. Mas devagarinho, os fregueses foram chegando pra comprar um sabão, buscar uma caixa de leite pro café; as crianças procuravam uma bala, um pirulito e o famoso chocolate. Ah, e pipas, eu sempre vendi pipas.

Os primeiros anos foram os melhores. A Cleusa começou a fazer uns bolos. Saía bastante, o pessoal gostava. Também comecei a pegar pão na padaria do Alemão, que fica no bairro do lado. Ia lá bem de manhãzinha, umas 5h30. Aqui nas nossas bandas ainda não tinha padaria, não.

Hoje em dia a Cleusa não tem mais tempo pra fazer bolos, e as pessoas pararam de comprar porque abriu uma doceria aqui do lado faz uns cinco anos. Mas o pão deu certo, vendo até hoje.

Tem gente também que vem comprar aqui só pra poder papear. A Cleusa vive falando que eu sou muito dado pras pessoas, que



falo muito. Ela brinca dizendo que sou o vereador do bairro. Que é só sair na rua e eu acho alguém pra conversar. As pessoas puxam papo e eu vou na onda, ué.

A maioria dos clientes me conhece bem e sabe que não é fácil manter isso daqui. São amigos de longa data, eu e a Cleusa vimos os filhos e netos de muitos nascerem. Não importa quanto tempo passe, tem sempre os que vêm aqui e pedem fiado, mas daí comecei a levar muito calote. Eu precisei colocar uma placa: “Não vendemos fiado”. Mas os mais chegados nunca desistiram – e tem gente que eu não consigo negar, não.

Também, né, a situação nunca foi fácil pra ninguém. Dias atrás, o Dacinho, neto da Dona Lenice, veio aqui pegar um refrigerante e pediu pra pendurar. Conheço ela desde que cheguei aqui. Além disso, não nego essas coisas pra família de Lenice, não. Tem gente que é cliente fiel e que nos ajudou em tempos muito difíceis, como na época da pandemia e quando cai em um golpe que quase me levou tudo.

TRADIÇÃO NO MUNDÃO EM EXPANSÃO

Muita coisa mudou desde que a gente abriu aqui. Já tem mercado grande mais perto. Um deles acho que o nome é OXXE, deve ser de gente do Norte. Foi o maior burburinho quando começaram a construir ele na Rua Dezessete. Disseram que ia ter até shopping dentro – mas isso daí foi só conversa fiada.

Depois que o mercado chegou, o movimento caiu muito por aqui, principalmente nos primeiros meses. Veio muito vizinho reclamar: “Nossa, Toninho, lá no supermercado tal tá dois reais mais barato. Assim você me quebra, tá doido?!”

E eu fico como? Se eu colocar o mesmo preço que os caras, só vou ter prejuízo. Tem gente que não entende, mas sempre tá aqui comprando quando falta alguma coisa urgente.

No domingo, então, quando a maioria recebe a família em casa pra comer, o movimento é sempre maior. Só vejo a criançada vindo aqui pegar as coisa que a mãe pede pra terminar de cozinhar o almoço.

Nesses dias a família de Lenice nunca falha. Os anos me mostraram que é de lei deixar o carvão na frente do mercado porque sempre tem gente que vem comprar pro churrasco. O carvão eu consigo até vender num preço bacana porque um dia estava na igreja e o pastor me apresentou um cara que trazia em grande escala pra revender. Esse é outro que gosta de falar, a gente se dá bem.

Tem coisa que o povo também só encontra aqui, sabe. Faz um tempinho, a Cida veio toda nervosa porque estava atrás de dendê. Disse que ia fazer um caruru no centro comunitário, mas que tinha ido no “mercadão” (como a gente chama aqui o tal

mercado grande), e viu que lá não vendia. Disse que o meu mercadinho era o único perto que ela tinha certeza que ia encontrar.

Não é a primeira vez que alguém vem atrás de dendê. Eu sempre comprei lá pra casa porque desde a infância eu e Cleusa comemos. Um dia, uma cliente chegou procurando e demos um pouco do de casa.

Desde então, eu deixo uns pra vender. Tem muita gente que mora aqui que veio de longe igual a gente. A gente vende menos do que no começo, mas vende. Isso que importa. Fácil não é, mas a luta não para.

O DESAFIO DA BUROCRACIA

Teve uma vez que a gente realmente achou que ia dar tudo errado, que ia acabar tudo. Pouco tempo depois que inaugurou o mercadão aqui perto, bateu um fiscal aqui. Nunca na vida a gente tinha visto isso.

Convidei ele pra entrar, Cleusa tinha acabado de passar um café. Ele chegou com a cara fechada, mas o pingado mudou a história. Ele disse o nome: Renato. Conversamos e, do nada, descobrimos que a gente tinha ido na mesma final do campeonato estadual de futebol em 1982. Meu time tinha perdido, o dele ganhado – e depois de ficar uns 23 anos sem ganhar nada. Aquele jogo entrou pra história.

Por fora, o Renato acabou me dizendo que estava indo pra muito estabelecimento na região porque o tal “mercadão” tava fazendo pressão na Prefeitura pra tentar limitar a concorrência. Eu não sei se eu me senti mais importante porque um mercado daquele tamanho tava com medo do meu, ou se me senti revoltado.



No fim, o Renato avisou que a gente tinha que ter nota de tudo, e fazer algumas adaptações na loja, pegar um tal de alvará. Eu quase entrei em desespero porque se eu já não sabia mexer direito com planilha, com sistema, imagina nota fiscal? Uma reforma aqui e ali até que tava precisando mesmo, e dava pra economizar porque isso eu sabia fazer.

Renato também deu um tempo pra gente se organizar. Depois de uns dias, conversando com a Dalvinha, da loja de material

de construção, ela me disse que eu tive sorte, que esse Renato aí deve ter mesmo gostado de mim porque muita gente tava reclamando dele. Tem rumores até hoje que ele pediu foi uns subornos. Nunca fui tão grato ao café da Cleusa e à educação que minha mãe me deu.

A gente correu pra deixar tudo em ordem. Eu levei um puxão de orelha da Cleusa porque nunca pedia nota fiscal, então comecei a pedir. Infelizmente, tive que me despedir de uns fornecedores por conta disso.

A Cleusa também já estava um tempão falando pra chamar alguém pra trabalhar com a gente. Eu achava que só ia dar mais trabalho, além do custo.

Chamei o Afonso, filho da prima Nalvinha. Eu queria assinar a carteira dele porque pensava que era o justo, mas não sabia se tinha os documentos necessários. Ter um funcionário envolve várias burocracias.

Fui conversar com o Zé, que tem uns funcionários na serralheira. Ele falou sobre o tal de alvará, MEI, ME, Simples Nacional, e quis saber até sobre meu faturamento e lucro. Ele disse pra falar com o pessoal do Sebrae. Tive que perder um dia no mercado, mas me achei no meio das burocracias. E não ia ter jeito: precisava de um contator.

O Zé me passou o contato de um, o Diego. Desembolsei uma boa grana, mas ele cuidou da contratação do Afonso e da papelada pra gente legalizar tudo no mercadinho e começar a emitir a tal da nota fiscal.

Eu só não fiquei nada feliz com a novidade de ter que pagar mais imposto. Achei que era só um valor fixo do MEI no mês, mas eu tinha que ser, na real, ME.

Quando soube disso, lembrei do quanto a Cida ficou insistindo muito comigo pra ir lá no centro comunitário quando uma moça foi explicar coisas de negócios. Cida tinha razão, acho que se tivesse ido, tinha arrumado essas burocracias antes ou não tinha saído tão caro.

Afonso trabalhou uns anos com a gente, mas começou a se envolver com uns moleque diferente e a faltar. Tive que demitir. Depois, soube que ele tinha sido preso. Dalvinha vai toda vez que pode ver ele. Passa aqui no mercadinho, compra umas coisas pro jumbo e pega o ônibus na rodoviária.

Eu me senti tão culpado por ter demitido o menino, que depois de um tempo contratei o irmão caçula dele. O Luizinho veio trabalhar comigo com 16 anos como estagiário e ainda está aqui. Esse menino faz tudo pela mãe e sente muita falta do irmão.

A TRETA DO BOLSO PRA SAIR DO ALUGUEL

Depois que conseguimos abrir esse mercado, não passou um dia sem que a Cleusa falasse de comprar um cafofo. Quando a Clarinha nasceu, a ambição nem era tanta: a gente queria continuar por aqui mesmo, com meus clientes e a rapaziada que já conheço.

Fiz uma boa reforma na casa alugada e no galpão do mercadinho quando completamos 10 anos lá. Pinte as paredes, troquei as prateleiras e fiz até uma promoção com o sorteio de uma TV.

Só que mesmo guardando um pouco de dinheiro todo mês, a gente nunca tinha o suficiente pra dar de entrada numa casa. A gente também tentou negociar com o Seu Geraldo, pra quem a gente pagava aluguel. Acho que ele tinha um apego com a casa porque tinha sido do pai dele, e nunca quis vender.

Ele e os filhos tinham se mudado fazia um tempão pro centro. Mas quando Seu Geraldo morreu uns anos atrás, pouco tempo depois o filho mais velho, o João, nos procurou dizendo que queria vender. Cleusa quase teve um treco no coração. “Deus ouviu minhas preces, Toninho.”

João era advogado, boa pinta, e ajudou a gente a conseguir um crédito social para microempreendedores. Depois de juntar com a outra merreca de grana que a gente tinha, iniciamos o financiamento e compramos dele. Cleusa chorou muito nesse dia. A gente conseguiu garantir de deixar algo nessa vida pra Clarinha.

O PESADELO DO GOLPE

Quando as contas lá de casa apertaram, a gente começou a ter muita dificuldade de pagar o financiamento e vendemos o carro. Quitamos umas dívidas e deixei o pouco que sobrou no banco.

Mas eu levei uma rasteira da vida. Pensei mesmo que seria o fim do mercadinho. Caí em um golpe, daqueles em que os golpistas parecem até profissionais de verdade. Eu me senti tão burro. Um homem criado, cair em um golpe?

Era por volta das 11h e me ligaram no celular dizendo que o sistema do banco tinha identificado uma movimentação suspeita na minha conta e perguntaram se eu tinha feito alguma transferência. Eu disse que não, e a pessoa no telefone pediu meus dados e a senha pra “cancelar” uma transferência que tinham feito da minha conta. Eu fiquei em pânico e passei todos os dados pra ela. Achei que o problema tinha sido resolvido.

Dias depois, fui ao banco pagar o financiamento e descobri que minha conta estava praticamente zerada. A moça que me atendeu me mostrou o saldo e eu não sabia onde enfiar a cara.

Lembrei da ligação e contei pra ela. Mal terminei de falar e ela já estava me olhando com cara de pena: “O senhor caiu em um golpe. O banco nunca liga pedindo a senha ou documentos dos clientes.” Eu até tentei argumentar, mas ela disse que não tinha o que fazer, já que eu mesmo tinha passado os dados.

Nesse dia, eu demorei para voltar pra casa. A Cleusa me ligava dizendo que precisava de ajuda pra limpar o freezer. Eu não conseguia responder. Parei num bar e pedi uma cerveja. Não bebia há anos, mas naquela hora eu não conseguia pensar em mais nada.

O que dava pra fazer? O prejuízo só foi menor porque depois que arrumamos as coisas do mercadinho, a conta bancária do negócio é outra. Mas por muuuuito tempo foi a mesma. Se as coisas já estavam ruins, ficou pior. Com o golpe, não tinha grana pra pagar a parcela do financiamento.

Chorei de desespero por me achar burro, um idiota. Quando cheguei, contei toda a verdade pra Cleusa. Chorei. Acho que ela só tinha me visto chorar uma vez na vida.

QUANDO A COLETIVIDADE PODE SER RECOMEÇO

Cleusa comentou que os clientes mais antigos começaram a desconfiar que tinha algo de estranho comigo porque estava muito quieto.

O Siqueira até foi mais direto e me perguntou quando veio aqui. Não contei, fiquei com vergonha. Eu pensei em fechar o mercadinho e voltar a ser pedreiro. Mas as costas e os joelhos já não são mais os mesmos.

Andando pela rua, achei um panfleto que falava sobre empréstimo. Primeiro, pensei que poderia ser outro golpe, mas depois



decidi comentar com conhecidos e fiquei sabendo que o papel era de um banco social que agora estava no bairro.

Fui buscar entender melhor e descobri que era um projeto para pequenos empreendedores, gente como eu. Pra minha surpresa, o banco tinha sede lá no projeto da Cida.

Engoli o orgulho e o medo, e decidi ir ver se encontrava alguma saída. contei tudo: do golpe, do financiamento atrasado e do risco de perder o negócio. Confesso que me emocionei de novo.

A conversa foi diferente, me explicaram tudo sem palavras difíceis, pegaram os documentos que o Diego, contador, mandou e liberaram um valor de empréstimo com “juros menos agressivos”. Se eu não estivesse tão tenso, tinha rido. Por acaso, os juros vão me bater?

O valor não fez milagre, mas deu pra pagar umas parcelas do financiamento e reabastecer o estoque do mercadinho.



Antes de sair do banco, eles também me falaram de uma moeda social, pra fazer a grana circular no bairro. Descobri que, na verdade, vários amigos já estavam usando. O Zé, da serralheria; a Ana, da doceria; o Alemão, da padaria. Parece que o povo tava gostando de usar.

Eu me cadastrei, coloquei um banner na porta dizendo que a gente aceitava a moeda social. E não é que muitos clientes estavam usando mesmo?

Depois disso, o desafio passou a ser pagar o empréstimo também, né. Mas, como fazer isso com o rendimento do mercadinho

caindo? Eu sou dos que falam muito, mas tem coisa que a voz embarga, sabe.

Assim que a história que eu estava quase quebrado se espalhou, o mercadinho voltou a ter movimento como há muito tempo não tinha. Cleusa contou que tinha gente comentando aqui e acolá.

Eu não gostei que tinha gente sabendo do quanto eu fui burro de cair em golpe, mas depois apareceram uns clientes contando que também já tinham caído nessa. Me senti menos burro, parece que, infelizmente, tem sido bem comum.



Começou a nascer cliente em árvore. É nessas horas que a gente entende o valor de uma comunidade, né. Veio Lenice, Cida, Zé, Alemão, Ana, Alcinete, Lourdes, Analize, dona Rita, os menino da Nusa, a Janaina e as filhas e os netos dela. Em poucos meses veio gente comprar coisa aqui que fazia anos que eu não via.

A Adriana, filha da dona Elza, que Deus a tenha, veio de outra cidade visitar uns primos aqui. Dizem por aí que depois que ela saiu daqui foi pra tudo quanto é lugar do mundo, se tornou professora na universidade, mulher das letras.

Ela passou no mercado e comprou tanta coisa... saiu dizendo pra mim: “Seu Toninho, seu mercadinho é mais do que sua renda. É parte da história desse lugar. O senhor sempre deu bons conselhos pra todo mundo aqui. Quando a gente faz boas ações, recebe boas ações. E a favela é isso: quando a gente se junta, as pedras viram ponte.”

A gente fica velho e a vida deixa a gente mole. Eu chorei, e de novo! Daqui desse balcão vi muita gente nascer, crescer, gente chegando e indo embora. Os meninos que entravam e saíam daqui para comprar pipas viraram homens; as meninas, mulheres.

Esse mercadinho formou a nossa família, a nossa vida e nos ensinou a sonhar. Quem diria que ele é também parte de um pouco de cada família que mora ou morou aqui. De fato, essa aventura de ter o próprio negócio também é uma eterna escola da vida.



PEGA A VISÃO

A importância de sonhar



A gente chega a um certo momento da vida em que começa a pensar que nada mais é possível, né? Felizmente, o mundo nos dá muitos exemplos de que nunca é tarde pra sonhar. Até porque... quem não sonha morre miudinho.

Acho que a vida do Toninho e da Cleusa é um exemplo disso. A conquista do cafofo, da casa própria, é realmente especial. Saber que se tem um teto para morar, para voltar, para estar. Lembra do papo da mãe da Dina lá no começo?

Muitos pais e mães também têm o sonho de deixar um bem material para os filhos, na esperança de que eles tenham uma vida menos sofrida do que a que eles tiveram. Deixar um legado ou uma herança são desejos constantes – isso é genuíno.

Mas, fico pensando: será que legado e herança são só bens materiais? Não adianta tá com o bolso cheio e a alma vazia! Equilibrar as duas coisas é importante.

Cair em golpe também é de deixar qualquer um de perna bamba. O mais triste é que esse tipo de maracutaia tá virando moda. É importante que, na sociedade, um olhe pelo outro, dê o toque, ajude no que puder.

O governo tem um papel importante. Campanhas e financiamento de cursos de prevenção, e combater esse tipo de crime são caminhos que podem fazer a diferença.

Acho que a história do Toninho é um exemplo bonito de como a coletividade é importante para os negócios e para a vida como um todo.

Seja no mercado de bairro, na comunidade negra que consome produtos de empresários negros, quilombolas ou indígenas; seja enchendo uma laje da comadre, ou em um multirão para ajudar alguém, reconhecer-se em coletivo pode mudar tudo e transformar o mundo.

LEGALIZAR OS NEGÓCIOS



Trazer a operação para dentro das normas da legislação brasileira envolve registrar o CNPJ, o Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica, além de escolher o regime tributário correto, pagar impostos de forma adequada e garantir que o negócio esteja em conformidade com as regras federais, estaduais e municipais. Cada tipo de negócio necessita de um registro específico. Você pode ser um MEI, ME, entre outras categorias.

1 Microempreendedor Individual (MEI)

Criado para regularizar o trabalhador autônomo, o MEI permite que negócios atuem com CNPJ e emitam notas fiscais de forma simplificada.

- > **O limite de faturamento é** de até R\$ 6.750 por mês (R\$ 81 mil por ano). Fique atento às possíveis atualizações anuais;
- > **Há impostos, uma taxa mensal a ser paga**, que também inclui o valor de contribuição ao INSS. Essa taxa pode variar de acordo com a categoria e é ajustada anualmente;
- > **A declaração anual** é obrigatória. A não apresentação suspende a validade do CNPJ;
- > **Há acesso a crédito com melhores condições.**

! Importante:

Nem todas as atividades econômicas podem ser prestadas por MEIs. Atualmente, existe uma resolução do Comitê Gestor do Simples Nacional nº 140 de 22 de maio de 2018, que regula a lista de atividades econômicas que você pode prestar como MEI. Antes de formalizar seu MEI, consulte o Anexo XI desta resolução e veja a lista de CNAES (Classificação Nacional de Atividades Econômicas).

Não esqueça de consultar um contador. Busque sempre informações atualizadas nos sites oficiais e com assessoria competente, pois as resoluções podem ser alteradas.

+ **Acesse aqui:** shorturl.at/dYioS

SE LIGA



MEI versus Imposto de Renda Pessoa Física

O CNPJ do MEI tem um regime de tributação específico e não recolhe imposto de renda empresarial. No entanto, a pessoa física titular do MEI deve declarar imposto de renda pessoa física, a depender do valor do rendimento anual. Sendo assim, para entender se você, como MEI, deve declarar IRPF, é necessário verificar o valor do seu rendimento tributável no ano. Em 2025, por exemplo, todas as pessoas físicas que tiveram rendimentos acima de R\$ 33.888,00 precisaram declarar imposto de renda. Este valor é revisado pela Receita Federal anualmente.

+ **Saiba mais:** www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/empreendedor



2 Microempresa (ME)

A categoria permite um faturamento de até R\$ 360 mil por ano, o que equivale a cerca de R\$ 30 mil por mês.

- > **Os impostos variam** a partir de 4% sobre o faturamento, dependendo da atividade (comércio ou serviço);
- > **A ME pode contratar** mais de um funcionário;
- > **A categoria exige contador para manter obrigações fiscais em dia;**
- > ME podem optar pelo **regime tributário Simples Nacional**, ideal para pequenos negócios.

SE LIGA

Desenquadramento da MEI e ME

Entre os principais critérios para se desenquadrar como MEI ou ME está o valor do faturamento anual do negócio. Caso se ultrapasse os limites estabelecidos, pode passar a se enquadrar em categorias diferentes.

Além disso, uma MEI também pode ser desenquadrada da categoria se surgir alguma outra vedação como, por exemplo, o titular participar de outra empresa ou contratar mais empregados do que é permitido.

O desenquadramento pode ocorrer de forma automática e também voluntária, com o titular informando e solicitando a inclusão em uma nova categoria. Esse procedimento deve ser feito por um contador.

+ **Saiba mais:** sebrae.com.br



Simples Nacional

Regime tributário simplificado para microempresas (ME) e empresas de pequeno porte (EPP). Ele unifica o pagamento de vários impostos em uma única guia mensal e aplica alíquotas reduzidas, facilitando a vida do pequeno empreendedor.

SE LIGA

Por que contratar um contador?

O atendimento contábil é importante, pois auxilia no controle das entradas e saídas de produtos, gerencia notas fiscais de compra e venda, calcula e emite guias de impostos, faz a folha de pagamento e garante que a empresa esteja em conformidade com a legislação do município e do estado. Além disso, orienta sobre o regime tributário mais adequado e evita multas e problemas com o fisco.

Mesmo no MEI, que é considerado um modelo mais simples de negócio, um contador pode ser útil para ajudar na orientação do controle financeiro e garantir que as obrigações estejam sendo cumpridas corretamente.

Para evitar custos altos, buscar auxílio do Sebrae pode ser uma das melhores opções para quem procura entender como funciona a formalização do negócio. A instituição oferece cursos e consultorias gratuitas ou de baixo custo; bem como palestras, oficinas e materiais informativos.

+ **Saiba mais:** sebrae.com.br





Acesso ao crédito para microempreendedores

Para quem está em busca de linhas de crédito com juros reduzidos, o governo federal oferece programas específicos. Entre os principais, destacam-se o Banco do Povo, o Procred, o Pronampe e o BNDES Microcrédito. Antes de fazer a solicitação, é importante manter o CNPJ regularizado e as obrigações fiscais em dia.



Procred: É uma linha de crédito em operação nos bancos públicos federais e se destaca por oferecer juros mais baixos e prazos de pagamento flexíveis. Um diferencial importante do programa é o incentivo ao empreendedorismo feminino: empresas lideradas por mulheres podem obter empréstimos de até 50% do faturamento anual.

➕ **Saiba mais:** www.gov.br/memp/pt-br/programa-acredita/procred360



Pronampe: O Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte é uma iniciativa do governo federal que oferece linhas de crédito tanto para investimentos fixos, como compra de máquinas e equipamentos, quanto para capital de giro, permitindo pagar salários, contas de consumo, aluguel e aquisição de insumos.

➕ **Saiba mais:** www.gov.br/memp/pt-br/programa-acredita/pronampe



BNDES Microcrédito: É voltado a pessoas físicas ou jurídicas, como MEIs e MEs. O crédito é repassado por meio de agentes operadores parceiros do BNDES. As condições de juros e valores são definidas por esses operadores, respeitando limites estabelecidos pelo programa. Os recursos podem ser usados para capi-

tal de giro, como manutenção de estoque, folha de pagamento e contas básicas, ou para investimentos em obras civis, compra de equipamentos e insumos.

➕ **Saiba mais:** www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/financiamento/microcredito/bndes-microcredito



PAPO RETO

Bancos comunitários

São aqueles criados pela própria comunidade sem participação do poder público, e não têm fins lucrativos. Seus principais objetivos são criar redes de produção e consumo nos territórios. De acordo com a Rede Brasileira de Bancos Comunitários (RBBC), há mais de cem deles espalhados pelo país. Esses bancos oferecem empréstimos e possuem análises de crédito específicas. Geralmente, os juros são bem menores do que os de bancos tradicionais, pois o intuito do empréstimo é auxiliar, principalmente, pessoas de baixa renda.

Esses bancos também realizam empréstimos por meio de moedas sociais, que têm usos específicos. O Brasil tem 182 moedas sociais em circulação, segundo dados de 2024 da Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

➕ **Conheça mais sobre os bancos comunitários:**
www.institutobancopalmas.org

COMO FUNCIONA UM FINANCIAMENTO IMOBILIÁRIO



Na mesma lógica do financiamento veicular, o imobiliário funciona como um empréstimo feito por uma instituição, só que com algumas regras e critérios específicos.



O que é preciso saber e se atentar:



Tipos de financiamento: há várias modalidades, entre elas o Sistema Financeiro de Habitação (SFH), o Sistema de Financiamento Imobiliário (SFI), os programas habitacionais (como o Minha Casa Minha Vida) ou até os financiados diretamente de construtoras. Cada modalidade tem regras específicas!



Taxas e juros: variam bastante de banco para banco, tipo de modalidade e contexto econômico e social do país. Leve isso em consideração quando começar a pesquisar qual a melhor instituição ou momento para financiar. Dica: faça simulações em locais diferentes para comparar e escolher a que melhor se encaixa no seu bolso;



Valor da entrada: é o que se paga no ato do negócio, e varia de banco para banco e modalidade de financiamento. Dica: com critérios específicos, o FGTS pode ser utilizado para a entrada e amortização (pagamento antecipado de parte da dívida);



Métodos de amortização: no Brasil, temos dois mais comuns. O Sistema de Amortização Constante (SAC), no qual o valor da prestação começa maior e vai diminuindo ao longo do tempo, e o Sistema Francês de Amortização (Price), com parcelas fixas do início ao fim do financiamento;



Documentos: a papelada sempre faz a diferença. Para acessar o financiamento é preciso ter o CPF e o RG em ordem, além do comprovante de estado civil, renda e residência. Em alguns casos, também é solicitada a declaração do imposto de renda de pessoa física. É por meio deles que o banco irá fazer a sua análise de crédito, calcular o valor da sua parcela e prazo de pagamento;



Parcelas: no geral, os bancos costumam ofertar o prazo entre 240 e 420 meses para a quitação da dívida do financiamento. Na parcela são inseridos os valores de juros, taxas e amortização.

Autônomos também podem solicitar financiamento, desde que comprovem renda por meio de pró-labore (salário do empreendedor), declaração de imposto de renda e outros documentos.

😊 DICAS:

- O CNPJ deve estar com as suas declarações e documentos em dia, e a conta bancária do negócio aberta;
- O empreendedor deve fazer a sua declaração de Imposto de Renda, comprovando o recebimento do seu pró-labore, com o CPF sem pendências no Serasa, SPC e afins;
- Por isso, é importante manter as contas do negócio e as contas pessoais separadas, desta forma aumenta muito a chance de aprovação e é possível comprovar a sua capacidade de pagamento.

IDENTIFIQUE GOLPES FINANCEIROS



Existem vários tipos de golpes, que têm se tornado cada vez mais sofisticados e frequentes. Alguns sinais são claros: a conversa contém erros ortográficos e pedidos urgentes de dinheiro. Sempre busque formas de confirmar a identidade de conhecidos ou parentes que pedem dinheiro online.

Apesar de a segurança ser uma responsabilidade primária dos bancos, você pode, também, ser responsabilizado pelo fornecimento de dados para terceiros!

Fique esperto(a):



Golpe da falsa central bancária

Criminosos ligam se passando por funcionários do banco, dizem que sua conta foi invadida e pedem dados para resolver o problema, mas na verdade usam essas informações para roubar o dinheiro disponível na conta bancária.



Golpe em promoções e benefícios falsos

Ofertas muito vantajosas, brindes ou promessas de benefícios sociais também são iscas comuns. O golpista se passa por empresas ou órgãos oficiais, solicita dados pessoais e captura informações bancárias da vítima. Podem ocorrer por ligações ou mensagens em aplicativos.



Golpe do boleto falso

Os golpistas enviam por e-mail um boleto aparentemente legítimo de um serviço ou produto que você costuma usar ou assinar. No entanto, depois que o boleto é pago, o dinheiro vai para a conta dos criminosos.



Golpe do falso suporte técnico

Você recebe uma ligação dizendo que seu computador tem um vírus e que precisa instalar um programa de suporte para protegê-lo. Mas, na verdade, acaba dando acesso aos seus dados.



Golpe do empréstimo

Comum nas redes sociais, o golpe atrai vítimas com promessas de crédito com juros baixos e sem avaliação. Ao clicar no anúncio, você é direcionado a um formulário que coleta dados pessoais. Em muitos casos, os golpistas também exigem o pagamento de uma taxa antecipada, o dinheiro nunca é devolvido e o empréstimo também não é liberado.



Golpe em site de lojas falsas

Sites com aparência profissional vendem produtos com preços muito abaixo do mercado, mas nunca entregam ou vendem itens falsificados.



Golpe do DeepFake

Golpistas usam inteligência artificial para criar vídeos e áudios falsos que parecem reais, normalmente de pessoas pedindo dinheiro em situações de urgência e perigo, para enganar.



Golpe do e-mail ou SMS falso

O golpista envia um e-mail ou mensagem de texto que parece ser de um banco, loja ou instituição confiável, pedindo que clique em um link e forneça seus dados privados.



Golpe do falso investimento

Golpistas convencem a vítima a aplicar o dinheiro em uma oportunidade inexistente, prometendo lucros rápidos, fáceis e sem riscos, mas depois somem com o dinheiro.



Também tem golpe no Zap!

Nos aplicativos de mensagens também são comuns muitos tipos de golpes. Veja alguns:



Número novo ou perfil falso: o golpista cria uma conta com a foto e o nome da vítima, geralmente coletados de redes sociais, e envia mensagens para os contatos dela fingindo ser um amigo ou familiar que trocou de número. Em seguida, pede dinheiro alegando uma emergência.



Conta Premium: uma tática recente é o falso “WhatsApp Premium”, que promete novos recursos ou personalização. O link de instalação direciona a vítima para um aplicativo falso que contém vírus espíões.



Clonagem de conta: o golpista engana a vítima para conseguir o código de verificação enviado por SMS. Ao obtê-lo, ele assume o controle do WhatsApp e começa a aplicar golpes em nome da vítima, principalmente solicitando transferências via Pix.

SE LIGA



Caí em um golpe, e agora?

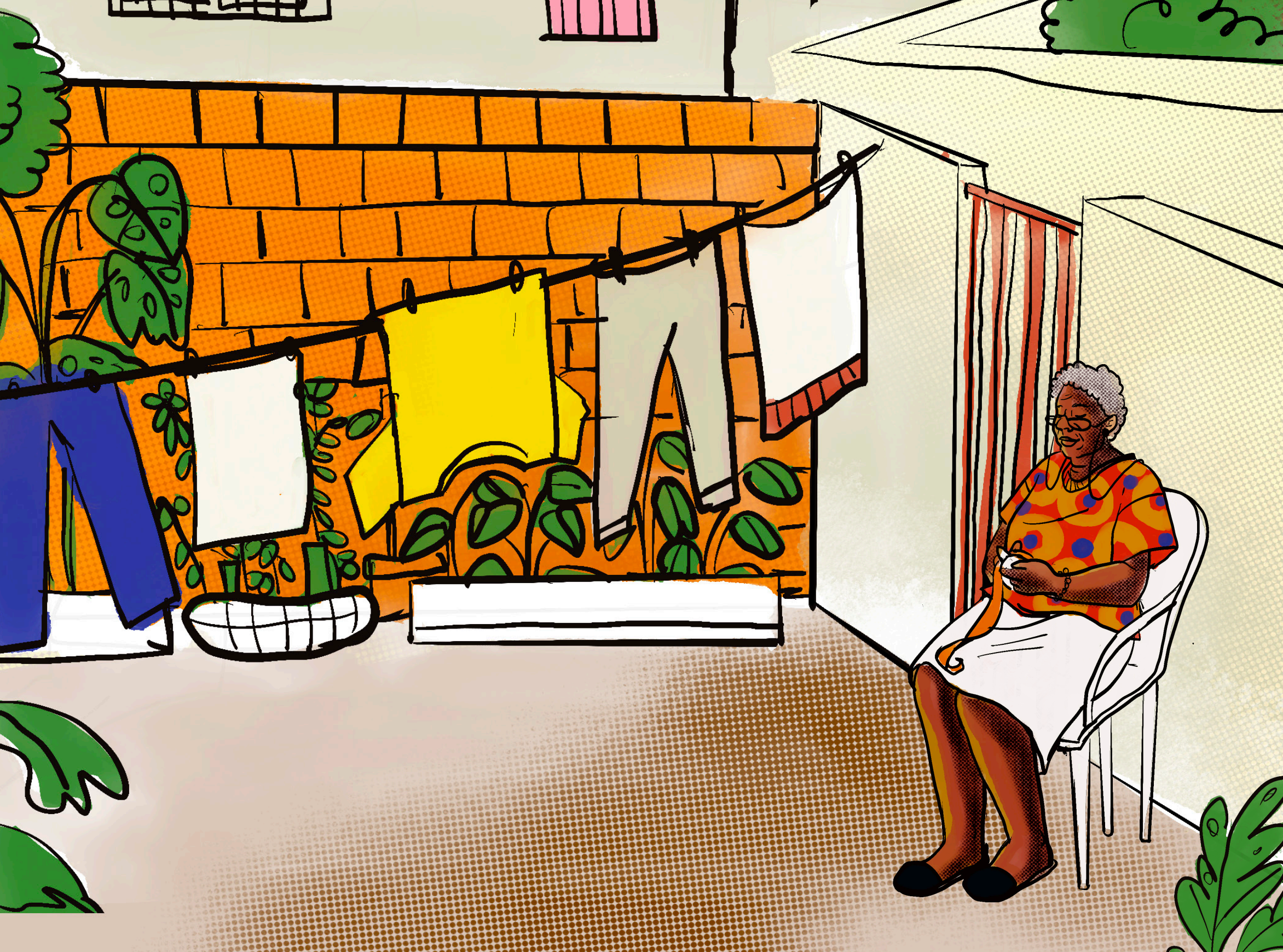
Se perceber que foi enganado(a), bloqueie o número, denuncie à plataforma, avise seus contatos e registre um boletim de ocorrência – dá pra fazer isso online. Também é importante alterar as senhas de todos os aplicativos bancários, além de informar imediatamente ao seu banco e ao Banco Central sobre a fraude.



PAPO RETO

Como evitar golpes no aplicativo de mensagens

- Ative a verificação em duas etapas no aplicativo, isso vai dificultar o acesso de terceiros à sua conta;
- Crie um e-mail exclusivo para redefinir senhas e receber códigos de segurança, evitando usá-lo para outras finalidades;
- Nunca compartilhe o código de verificação do WhatsApp ou o PIN da verificação em duas etapas com ninguém;
- Antes de realizar qualquer transferência bancária, confirme a identidade da pessoa por meio de uma ligação ou outro canal de comunicação confiável;
- Fique atento a mensagens fora do padrão em conversas habituais e desconfie de perfis com fotos familiares, mas vinculados a números desconhecidos;
- Sempre dê preferência aos canais oficiais de empresas, bancos e órgãos do governo.



Um farol chamado Velha IA

Eu estou tagarelando este livro inteiro, mas nem me apresentei, né? Eu não sou deste tempo. Eu fui criada nele, claro, mas sou de muito tempo atrás.

Me chamam de Velha IA. IA de... inteligência ancestral.

Pensar a ancestralidade está – ou deveria – bem mais próximo do nosso dia a dia. Não é sobre coisas antigas ou velhas. É sobre aprendizados, sobre refletir nossas histórias, caminhadas e existências do ontem, hoje e amanhã.

As caminhadas do Dacinho, da Fernanda e do Toninho proporcionaram isso, né? Espero que eles tenham feito você botar a cachola pra funcionar, pensar na vida, no dinheirinho suado, e também nessas coisas que a gente não vive sem e precisa se inspirar sempre: família, lar, estudo e o poder da coletividade.

Por falar em inspiração, já parou para pensar que você também pode ser farol no caminho de alguém? Às vezes a

gente nem percebe, mas tem alguém pertinho vendo e se espelhando nos nossos passos.

Dacinho aprendeu com sua avó, que aprendeu com a família dela e por aí vai... e os filhos dele vão aprender com ele e a Jennifer, né? Nunca é só sobre o hoje. A sacada está em refletir sobre o que aprendemos de bom e importante, mas esquecemos de passar para as próximas gerações.

Nada precisa ou poderia ser como antes, mas o que de bom e importante estamos deixando pelo caminho?

Essa foi a minha função aqui: lembrar sobre o que nos une e nos faz sociedade, para que todo mundo consiga cuidar melhor do seu dinheiro e da sua sobrevivência. Acho que essa frase da Amanda Dias, educadora financeira, resume bem o que quero dizer:

“Apesar de termos sofrido epistemicídios, quando nos voltamos para nossas raízes e investigamos nossas essências, percebemos que nossos horizontes de realização sempre estão conectados com esses conceitos de bem-viver, equilíbrio e coletividade.”

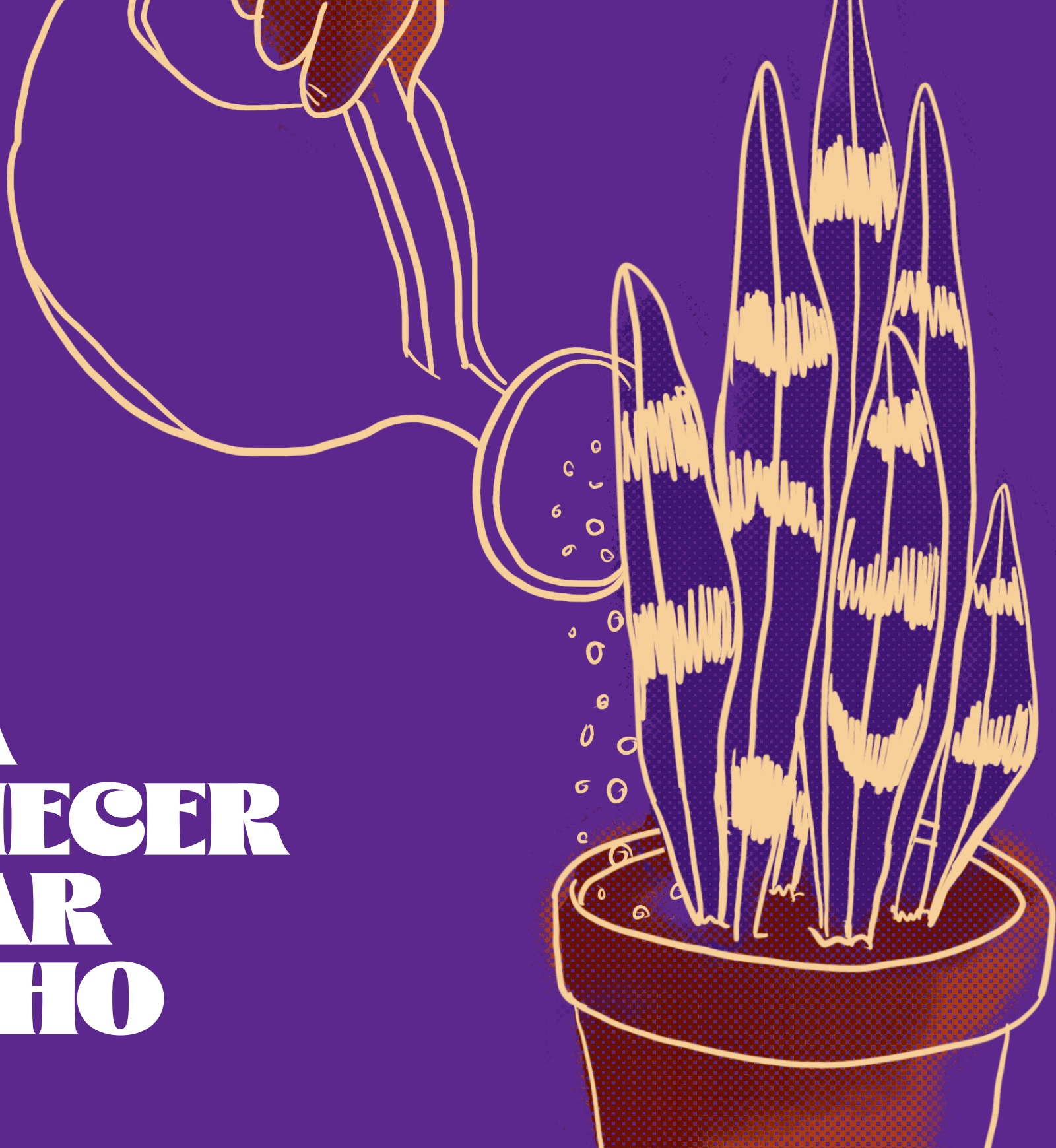
Vou deixar aqui alguns nomes que me inspiram lembrando quem veio antes, quem abriu os caminhos para que, hoje, pudéssemos sonhar e construir ideias, negócios e tecnologias ancestrais. Eles podem ser de grande ajuda por aí! Você vai perceber que não são apenas inspirações que falam sobre finanças, mas como nos relacionamos no mundo com o dinheiro de forma mais ampla. São vozes que podem ajudar a enxergar a educação financeira como ferramenta de transformação estrutural – e não individual.

A estrada é longa, não se avexe. A gente se vê por aí! Vai pela sombra, hein!

NO CORRE

QUEM INSPIRA

**PARA
CONHECER
E FICAR
DE OLHO**



Amanda Dias



granapreta.site



@granapretaoficial



pretagrana@gmail.com



FOTO: REPRODUÇÃO

Jornalista, educadora financeira, criadora de conteúdo e empreendedora. Baiana, ela é fundadora da Grana Preta, um programa de emancipação financeira que oferece soluções educacionais acessíveis para ajudar pessoas de baixa renda, com foco na população negra.

Um dos grandes diferenciais do seu trabalho é ter uma abordagem que vai além das planilhas: Amanda acredita que as finanças estão profundamente conectadas às nossas raízes culturais e à forma como a espiritualidade influencia a relação com a nossa prosperidade. Em 2024, ela foi vencedora do Shark Creators.

“Acho que o meu maior sonho é esse: criar vilas, ambientes, terreiros e comunidades onde possamos viver de forma sustentável e equilibrada com a natureza. E, a partir disso, alcançar o bem-viver e a prosperidade antes que a natureza nos destrua.”

Dina Prates



ujamaatech.com.br



@dinapratesfinancas
@ujamaatech



FOTO: GUILHERME SOUZA / DIVULGAÇÃO

Gaúcha, filha da Dona Rosa. Atua como palestrante e ministra cursos sobre finanças, a partir da perspectiva comunitária. É graduada em administração de empresas pelo Centro Universitário Metodista do Sul – IPA e em ciências contábeis pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), além de mestra em sociologia pelo Programa de Pós-Graduação de Sociologia da UFRGS, estudando trajetórias de mulheres negras empreendedoras.

É sócia-fundadora do Espaço Interdisciplinar Estrela Preta e fundadora e idealizadora da Ujamaatech, uma startup especialista em ajudar empresas e instituições financeiras a desenvolver soluções de educação financeira para melhorar a qualidade de vida de clientes e colaboradores.

“Falar de economia e finanças é também falar de justiça social. É discutir moradia digna, segurança alimentar, transporte decente e educação de qualidade.”

Gabriela Chaves



@gabrielanofront/
@nofrontempoderamento



FOTO: DIVULGAÇÃO

De Taboão da Serra (SP), uniu ao seu trabalho duas paixões: rap e economia. Nessa conexão, fundou a No Front Empoderamento Financeiro, uma plataforma que tem como missão promover o empoderamento econômico da população negra e periférica, usando as letras do rap como ferramenta para traduzir conteúdos de educação financeira e aproximá-los da realidade social.

É mestra em economia política internacional pela Universidade Federal do ABC. Para ela, transformar a realidade financeira de quem historicamente foi excluído é uma forma de construir um futuro mais justo.

“Imaginem um mundo onde o bem-estar, a comunidade e a sustentabilidade são valorizados.”

Jana Gomes



@janagomes.me



FOTO: REPRODUÇÃO

Planejadora financeira, graduada em lazer e turismo pela USP (Universidade de São Paulo) e formada pela Nossa (Escola para Planejadores Financeiros). Tem especialização em planejamento financeiro e finanças comportamentais pela PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul).

Jana se destaca por sua atuação em planejamento financeiro e gestão da sustentabilidade, oferecendo soluções práticas e eficientes para pessoas e organizações de diferentes contextos.

Atua como consultora especializada em planejamento financeiro para pessoas, famílias e autônomos, levando o planejamento para além dos números, acolhendo histórias e contextos diversos.

“Falar sobre dinheiro é também falar sobre escolhas, afeto, memória, cuidado e potência.”

Luan Santos

 @moneydequebrada



FOTO: REPRODUÇÃO

Da periferia de São Paulo, transformou sua vivência em missão: aproximar o mundo dos investimentos da quebrada, mostrando que planejamento financeiro deve ser para todos nós.

Especialista em investimentos financeiros (CEA), tem MBA executivo em gestão financeira e pós-graduação pela Fundação Getulio Vargas (FGV). É pós-graduando em finanças pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT). Coautor do livro “Produtos de Investimentos – Manual Prático”.

Seu conteúdo traduz termos técnicos e estratégias de investimento para uma linguagem direta e descomplicada. Também é vice-presidente do coletivo negro Fecafro, que promove inclusão e oportunidades para jovens negros no mercado de trabalho.

“Sonhar é o que nos move, o que dá sentido às nossas jornadas — e saber manusear o dinheiro é uma habilidade essencial para transformar os sonhos em conquistas.”

Mila Gaudencio

 @milagaudencio



FOTO: REPRODUÇÃO

Economista, educadora financeira e estrategista de negócios. Mulher preta, de axé e bolsista da Educafro, tem 18 anos de trajetória no mercado e 15 anos de atuação em multinacionais, onde ocupou cargos de liderança.

Mila cria conteúdo sobre educação e gestão financeira, ensinando mulheres a organizarem suas finanças e mudarem a relação com o dinheiro. No TEDx e na mídia, conecta finanças, ancestralidade e estrutura social com escuta e sensibilidade.

“A maneira como aprendemos a lidar com o dinheiro também é atravessada por desigualdades.”

Mônica Costa

 negrana.com.br
 [@negranafinancas](https://www.instagram.com/negranafinancas)



FOTO: DIVULGAÇÃO

Jornalista e educadora financeira especializada em finanças para mulheres negras, com pós-graduação em terapia financeira e gestão de investimentos. É fundadora da Negrana Finanças, uma startup de impacto social que promove educação financeira como uma ferramenta para a melhoria da qualidade de vida das famílias, crescimento econômico e inclusão social e financeira.

Seu trabalho parte da compreensão de que finanças são muito mais do que números: são sobre ancestralidade, autoestima e autonomia financeira. Mônica já foi vencedora do Prêmio de Educação Financeira Transforma, do Instituto XP, e foi nomeada pelo LinkedIn como uma das Top 50 Creators em Empowerment Financeiro para Mulheres Negras.

“O grande desafio é convencer essa população de que viver como se vive não é normal. E que o normal é que a gente viva com qualidade.”

Nêgo Bispo

(1959-2023)

 [@rocadequilombo](https://www.instagram.com/rocadequilombo)
 www.youtube.com/live/YTAPvi_Dlrk



FOTO: REPRODUÇÃO

Originário do Quilombo Saco do Curtume, no Piauí, Nêgo Bispo foi filósofo, poeta, escritor, agricultor e líder quilombola. Dedicou sua vida à defesa dos direitos das comunidades tradicionais e ao fortalecimento da identidade quilombola.

Ele deixou um legado de memórias e conhecimentos que continua impactando e inspirando movimentos sociais e a universidade na luta por direitos e saberes. Como ele mesmo dizia: “Somos começo, meio e começo!”

“Enquanto você, ou alguém que aprendeu com você, está ensinando, passando pra frente o nosso conhecimento, eu estarei vivo, mesmo enterrado!”

CRÉDITOS

Coordenação geral:
Ivan Gomes Barbosa

Coordenação e edição:
Simone Carvalho

Redação:
Camilla Freitas, Dina Prates,
Hysabella Conrado, Ivan Gomes
Barbosa e Simone Carvalho.

Revisão:
Hysabella Conrado

Diagramação:
Thais Erre

Ilustração:
Caio Graco e Thais Erre

EQUIPE IH FIZ ARTE

Direção geral:
Ivan Gomes Barbosa

Direção de Operações:
Luísa Luz

Apoio Administrativo:
Adna de Sousa Silva

Coordenação de Produção:
Rafael Marques Martiniano

**Analista de Produção
e pedagógico:**
Cesar Francisco Gomes

Produtora Executiva:
Michele Sales

Coordenação Pedagógica:
Rachel de Miranda

Coordenação de Pesquisa:
Tatiana Lubarino Ferreira

Coordenação de Comunicação:
Maria Rita Araújo Sampaio
e Débora Christina Melo
de Oliveira

Analista de Comunicação:
Jennifer Baptista, Leonardo
de Monteiro, Luciana Alvarez
Pedroso, Raquel Bernardo Barra
Nova e Thais Taynara Alves

Designer de Comunicação:
João Monteiro

Coordenação técnica:
Dinamara da Silva Prates

Consultoria jurídica: Carolina
Chammas Narchi

Controladoria financeira:
Versa Serviços Artísticos e
Culturais Eirelli - EPP

Contabilidade: Pauta Assesso-
ria Contábil, Consultoria
e Treinamentos LTDA

Impressão Gráfica:
Corprint Gráfica
e Editora Ltda.

Agradecimentos

Como agradecer devidamente quem foi responsável por tornar esse sonho realidade? Como não deixar ninguém de fora? A Ih Fiz Arte! tem a difícil tarefa de agradecer a infinidade de pessoas e instituições que foram responsáveis por este projeto estar de pé.

Iniciamos agradecendo aos que vieram antes e lutaram para que brasileiros e brasileiras acessassem a educação formal: professores(as), mães, pais, responsáveis, avôs, avós, a comunidade que cuida e preserva.

Também fica o agradecimento ao Nubank e às mulheres que lá trabalham, que acreditaram e acreditam neste projeto lindo.

Às colaboradoras e colaboradores da Ih Fiz Arte! e do Instituto DiverCidades, que fizeram o projeto existir. Em especial, à Luiza Luz, não fiadora, mas parceira de sonhos.

À Dona Cícera, avó do diretor Ivan Gomes, idealizador das artes e tessituras que nos fizeram chegar até aqui.

Um agradecimento especial às sonhadoras (es), escritoras (es) e profissionais que colocaram suas almas neste projeto: Dina Prates, Thais Erre, Caio Graco, Camilla Freitas, Hysa Conrado e Simone Carvalho. Que emoção todo esse aprendizado.

Nosso muito obrigado!

Nota da edição

**“Toda hora tem gíria
No asfalto e no morro
Porque ela é
A cultura do povo”**

Trecho da música **“A Gíria É Cultura Do Povo”**, interpretada por Bezerra da Silva.

Composição: Elias Alves Junior/Wagner Chapell.

Essa obra foi deliberadamente escrita utilizando elementos da linguagem informal, dando preferência ao uso real das falas cotidianas, com o intuito de aproximar o leitor das histórias retratadas.

Vale ressaltar que essa decisão não se deu por descuido gramatical ou desleixo, mas como parte de uma proposta que busca respeitar, valorizar e legitimar os modos de falar e de narrar do público alvo desta obra.

Mais do que um recurso estilístico, essa escolha reflete um posicionamento político e pedagógico: reconhecer a diversidade de falar e escrever o mundo.

